

geral, a transcriçãõ da ultimo Ordem  
do Exército pelo qual fui colocado como  
2.º commandante do regimento 6, em Pe-  
naphiel.

Aqui está no que deu a tão prometida  
colocação em Inf.º 20, na Figueira!

Penaphiel!... Canaças do Minho, terras  
belas, horisontes lindos e humidos, o  
Marão a fechar o horisonte leste, o Douro  
ao fundo dos vales arborizados!

Tudo muito bonito, mas o certo é que  
só em pouco quanto isto me transtorna  
a vida.

Eufim...

Conversando ontem com o coronel  
Santos, a quem tenho contado as mi-  
nhas relações com o General de Sousa,  
ele é de opinião (que me parece judi-  
ciosa) de que fui afastado da Região  
porque o general, muito naturalmente,  
não me quereria sob o seu commando.

Será assim?

Lá irei para Penaphiel qualquer dia,  
carrerei mais um canto do país, ve-  
rei mais terras, conhecerei mais gen-  
tes... O piór é o mais mau, como diz  
o povo. Que gente será a do regimen-  
to? Que tal será o ambiente penafi-  
delense? O que me poderá acontecer



perante qualquer tentativa revolucionária?... Vamos a ver.

O tempo dirá se... dissés.

Ontem mesmo escrevi ao Raul Loureiro, muito aborrecido, estranhando o silencio dele e o resultado tão diferente das suas promessas.

Não ganhei nada com isso, mas adeante. E ele, segundo o seu costume, não responderá.

Figueira : Setembro : 11.

Fui ontem a Coimbra apresentar-me. Fui recebido no Quartel-general como o grande Elias : optimamente...

O chefe do Est.<sup>o</sup>-maior, o tenente-coronel Salvador Pinto da França é creatura de extrema delicadeza; nunca em Coimbra estive com chefe de Est.<sup>o</sup>-maior de tão fina educação. Recebeu-me muito bem mas não aludiu, nem por alto e muito naturalmente, á m.<sup>a</sup> situação de momento. Eu é que aludi vagamente aos prejuizos que me causa a deslocação mas ele, delicadamente, não deu láoco.

É filho do meu antigo professor da Escola do Exército, o Bento da França Pinto de Oliveira Salazar, a quem os rapazes



chamavam o Bento da Prussia, embora made lizesse daquelle a que vulgarmente chamamos prussianos.

Lá me deram os 10 dias da demora regularmente e no prox.<sup>o</sup> dia 21 irei para Penafiel.

O que for porá.

Spueira: Set.<sup>o</sup> 20.

Encontrei hoje aqui o coronel-farmacêutico Fernando Paixão, meu patricio e contemporaneo do Liceu.

Na longa conversação que tivemos deu-me a explicação da pu.<sup>a</sup> ida para Penafiel. Contou que ha certo tempo, estando no gabinete do ministro (com quem tem antigas e boas relações pessoais) assistiu á conversação dele com o seu chefe de gabinete relativamente á collocação dos officiaes que estão no Quadro e que ele, ministro, não queria « á boa vida. » Os pedidos foram tantos quando isto contou e de tal forma variados que era impossivel que era impossivel conciliar tantos interesses ameaçados; e daqui veio a solução tomada á qual o Paixão assistiu.

Consistiu ella em relacionar, por ambiguidade, os officiaes que se iam collocar e em relacionar as terras onde ha-



ria vagas pela sua importancia e proximidades dos grandes centros. Feito isto, o official mais antigo seria colocado na primeira terra indicada na relação correspondente; o immediato em antiguidade na terra que se requisisse; e assim successivamente. Se foi esta a razão por que vou para Penafiel, concordo. Sou dos mais antigos se não for o mais antigo; a terra é considerada boa (como creio que é); daqui a minha colocação no regimento n.º 6.

Começo a convencer-me de que fui beneficiado... É realmente, não vindo para a Figueira e não havendo nada nos arredores, Penafiel é, de facto, bom lugar.

Vamos a ver o que pái desta minha aventura.

### Penafiel.

Setembro: 22.

Cheguei ontem por tarde de barranca que largou aguaceiros de botá-abaixo por essas serras e vales.

A trovoadas roncou ao redór; o vento soprava do sul com furia; nuvens pesadas cobriam o horisonté e tapavam até as cumeadas proximas.



Contudo, vi bem queer no caminho que segue por vales rasos ou riuinhos apertados, queer na subida, de carro, para aqui, e mesmo das janelas do meu quarto — vi bem, dizia eu, que estão no meio do Minho, sem tirar meu pé.

A mesma expressão topográfica, o mesmo aspecto na cultura e arborização; e o aglomerado de casas que constitui a cidadezinha, tanto pode ser quasi Beaufiel, como Guimarães, Fafe ou um bairro de Braga. É o Minho ainda, com toda a sua alegria e o seu pitoresco que a barranca não afeta; as próprias ruínas muito baixas dão novos contornos aos montes, fazem variar o horizonte próximo, dão-lhe uma vez altura de rochas, outra vez encosta arborizada, outra ainda, afastando o recorte final para uma zona que se não define bem por entre a cerração.

Hoje de manhã o sol sempre de quando em quando, parecendo que iria afastar o acastelamento de ruínas baixas; mas não: o vento sul continúa *manter-se* e os aguaceiros continuam com violência e densidade.

A minha impressão, porém, não se modifica; o Minho é sempre agradável



para mim; há em tudo ele um conjunto que me reduz e que me sinto sem saber definir.

Espero que cheguem os dias limpos; e então os meus olhos se espraíarão por montes e vales e poderão embalar-se na harmonia destas encostas e serranias tão alegres e atraentes.

Meia hora depois da m.<sup>a</sup> chegada ao hotel, entrou-me pelo quarto o coronel Afonso Henriques Barbeitos Pinto, chefe do Distrito de recrutam.<sup>to</sup> e reservas n.<sup>o</sup> 6 e comandante militar da localidade.

Já o não via há vinte e tal anos; não o reconheceria se ele me não falasse e só a sua voz meliflua, m.<sup>to</sup> característica, me deu a conhecer. Muita festa para a festa, recordações de outros tempos, referências a contemporâneos, explicações sobre a m.<sup>a</sup> vinda para aqui, assuntos é claro operatórios p.<sup>a</sup> gente que se não encontra há muito — e eis que ele me começa a contar isto e aquilo, a falar deste e daquele, a pretextar de me elucidar acerca da ~~terra~~ terra e do ambiente onde vinha a cair, p.<sup>a</sup> não andar de olhos fechados...

Mas não sempre deste Barbeitos Pinto uma má impressão; já na Escola de



Exercício ele me não era simpático; diziam-se, até, coisas exquisitas a meu respeito; de modo que servi atenciosam.<sup>te</sup> Tudo quanto ele entendeu que me devia dizer « para meu conhecimento » e não comentei qualquer das informações.

Damos uma volta pela cidade, depois, quando appareceu uma alerta. Ele lastimou o mau tempo que estava; e como eu dissesse que, apesar disso, as impressões eram boas e como fizesse ligeiros reparos á architectura das igrejas e edificios principais, ele mostrou-se satisfeito com a minha conversação e foi dizer depois que eu gostara mu.<sup>to</sup> da terra e patria muito de coisas de arte...

É a propósito, não mencionar que eu era esperado em Penafiel com simpatia. Os estudantes da Universidade, frequentadores da Universidade Livre e um contemporâneo da Escola do Ex.<sup>to</sup>, official de Artéria que eu ainda não vi, tem-me feito ambiente favoravel de simpatia, de curiosidade e talvez até de interesse. Percebo isso em todas as conversas e em todos os cumprimentos que me fazem.

É depois... parece que na terra não é muito simpática a situação politica ditatorial; pelo menos assim me tem di-



to e assim tenho percebido. De modo que a m.<sup>a</sup> pessoa é olhada com curiosidade amigavel, curiosid.<sup>e</sup> que salta aos olhos.

Válha-nos, ao menos, isso.

Quanto ao command.<sup>te</sup>, o coronel Julio Cesar Gil Iglesias, ainda não posso fazer juizo. Recebeu-me bem, mas sem a natural afabilidade que eu esperava de um contemporaneo da Escola. Foi correcto, é certo, mas com certa frieza.

É verdade que a sua vida particular atribulada dá-lhe feição concentrado e um tanto se quanto neurastênico; e é tambem verd.<sup>e</sup> que poderia não gostar muito que um elemento como eu lhe caísse aqui, no meio desta pacote de um regimento com 50 soldados e que ele commanda há uns cinco annos e tanto com a confiança e apoio superiores.

Falarei mais de espaço.

Peña-fiel.

Setembro: 23.

Na vespera de vir p.<sup>a</sup> aqui recebi uma carta do Tomás de Fonseca com uma carta da secretaria geral do Congresso Bazarão dirigida á Uiversid.<sup>e</sup> Livre com convite p.<sup>a</sup> tomar parte no mesmo Congresso.



O Tomás mandava-me a carta do Congresso 8.<sup>a</sup> em responder e inclusa enviava a resposta particular que ele deu a Mario Ramos, signatário do convite.

Esta resposta particular é excelente e tanto que a vou transcrever para sua memória:

« Meu caro dr. Mario Ramos. — Ao  
 " convite pessoal que já me tinha feito para  
 " assistir aos trabalhos do Congresso Beirão,  
 " não me agora juntar-se a circular enviada  
 " da Junta Secretária do mesmo Congresso  
 " insistindo no convite. — Agradeço as  
 " suas atenções, provas de velha estima,  
 " mas as circunstâncias em q. vive a Re-  
 " pública Portuguesa dominada há 6 annos  
 " exclusivamente pelos monarchicos e pelo  
 " clero, sem liberd.<sup>de</sup> de imprensa, de tribu-  
 " na e de reunião — caso unico na historia  
 " — impedem-me de tomar parte no  
 " Congresso que você tão zelosamente es-  
 " tá organizando. — Renovando os meus  
 " agradecimentos, etc. — Martague, 18-  
 " 9-32 — (a) Tomas de Sousa. »

Quanto á minha resposta, em nome  
 me da Unversid.<sup>de</sup> Lirere, quando-a o  
 mais simples possível:



« Ex.<sup>mo</sup> Sr. — A Universidade Livre  
 " agradece o convite de V... datado de 16 do  
 " corrente e infereus de que não pode, actu-  
 " almente, por varias razões, cooperar nos  
 " trabalhos do 5.<sup>o</sup> Congresso Baiano. — San-  
 " de a fraternid. — O Presid.<sup>te</sup> interino — (a)  
 " Belisario Pimenta. »

Penafiel.

Setembro: 25.

O tempo continua chuvoso; cargas de  
 agua enormes ~~em~~ não caindo sobre es-  
 ses telhados de ardósia e zinco com estre-  
 pito. Ainda não vi os montes ou cam-  
 pos que cercam Penafiel nem os rios de  
 cordas de agua; ainda não sei bem o que  
 ha á volta de mim — e pomeute me pa-  
 rece que, como um dia de sol claro, os  
 olhos terão sede correr com prazer, nales  
 grandes ~~em~~ em que a verdura lipue sua  
 vermente com as encostas; encostas arbo-  
 rizadas cheias de casarêdo sede nem-  
 que deve polverair umas torre de igreja;  
 courelas de milho a amarelecer rodeadas  
 de latadas, ainda a teimar na cor verde-  
 escura; e no fundo dos valeiros a agua  
 deuerá correr com estruendo, de pededo  
 em pededo, fazendo-se ouvir até em



cima, com sussurro amavel como o do mar ao longe.

São estas as impressões que colhi nestes três dias, da paisagem local, sempre velada por aguaceiros e névoas. Estes 300<sup>m</sup> de altitude em que se está, fazem tornar demoradas as crises de tempo semelhantes. E resigno-me a esperar que o vento rode do sul p<sup>o</sup> os quadrantes do norte e noroeste p<sup>o</sup> que a luz realce estas belezas naturais e eu me satisfazo no desejo que tenho de ainda aproveitar a frescura da paisagem que, neste declinar para o outono, começa a amarelhar gradualmente.

Esperarei com paciencia que as condições meteorológicas se modifiquem p<sup>o</sup> aqui deixar averteadas as minhas impressões pessoais — que poderão confundir-se certamente com a vaga saudade dessa outra paisagem valenciana que a minha retina ainda mantém, ou a doce lembrança desse doce vale de Caldeas que a m<sup>o</sup> gratidão não poderá esquecer.

Estou no Minho verde e alegre; e tanto basta p<sup>o</sup> que eu me sinta bem, p<sup>o</sup> ra que eu sinta que me invade uma onda de sossego e que se afasta suave



mente o nervosismo que ultimamente me tem atacado.

Tem compensação, se não sei ainda o que é a paisagem envolvente, sei já a por varias vias, quais são as questões principais da terra e o que se passa nos bastiões regimentais...

Os meus sentidos estão cheios de todas as tricas locais; e como algumas delas são interessantes, aqui ficarão mencionadas successivam<sup>te</sup> conforme a minha boa ou má disposição para escrever.

### Pouéfiel.

Setembro: 27.

O tempo, enfim, abriu um pouco o seu sorriso... E eu não me exparei.

Estou, sem devida, no Minho e num dos melhores locais. Ainda esta manhã, do meu quarto que deita ~~para~~ para uma varanda coberta por largo beiral, eu vi, alegremente, as encostas em frente bem retilhas, sobrepondo-se até á cumeada numa harmonia suave. O casario, por entre a verdura, já um pouco amarelada ou avermelhada; os campanários de igrejas que surpem por entre pinhais cerrados; a crista rochosa dos montes mais altos; o sussurro



do Cavaleiro, lá em baixo, saltando dos pedregulhos e dos açudes das cascadas; — tudo isto constitui o cenário típico da provincia, tão característico entre as paisagens portuguesas, tão agradável aos meus olhos, tão tranquilizador para o meu temperamento.

Falarei mais de espaço.

Coimbra:

Outubro: 1.

Vim ante-ontem de Penafiel á Figueira; ontem acompanhei a familia para aqui; e hoje aqui estou ás voltas com negocios e arrelias...

Ao andar pela cidade, não sei o que sentia de estranho. Sem querer, ao percorrer as ruas, saltava-me aos olhos a paisagem que vejo da varanda do meu quarto de Penafiel; e quasi me sentia estrangeiro na m.<sup>a</sup> terra...

O succato do Minho aborrecu-me nos oito dias que lá passei e sinto que ainda falta m.<sup>to</sup> tempo até a minha á noite, até á hora do comboio que me levará outra vez para a m.<sup>a</sup> nova residencia.

Será o concelho romano « ubi bene, ubi patria » a fazer negações á minha simpatia por Coimbra? Serão feitos



ancestrais e misteriosos de umas costelas miúdas de Guimarães e Vila do Conde, e apagar a viva impressão que tenho da paisagem coimbrã? Será porque em Penafiel a vida corre suavemente, como a água tranquila dum riacho por entre sinuosas pitorescos — e aqui é constantemente agitada por contrariedades e desgostos?

Sei lá!... Adiante de mim há um jalco com um pau corrido. O que virá quando o pau subir?

Penafiel.

Outubro: 3.

Faço hoje 53 anos. Cheguei esta madrugada de Coimbra depois de 4 horas de comboio ronco até ao Porto e de hora e meia de « camionette » do Porto até aqui, em verdadeiro periplo de vida.

Adiante de Valongo os faróis do carro pegáram-se a iluminar a estrada; e aí viemos nós com o foco insignificante que o motor resolveu fornecer, quasi às escuras, por estrada cheia de curvas apertadas e perigosas.

Mas enfim, chegou-se quasi às 3 horas da madrugada; e para pinto-me mais pesado com um ano sobreposto



aquelas que já tinha... Que se ha-de fazer?!

Encho aqui um livro sobre Benafiel que meu de propósito reproduz um caso idêntico. Trata-se de uma poesia de um dr. Rodrigo Beça, medico penafielense, homem culto e dado a humanidades que nas mesmas alturas dos 53 anos trocou veruaculam. É em verso o seu aniversário:

« Meu amigo: Juntei mais um jaseiro  
dos meus 52 que antes contava;  
E meus desta conta já não levo  
Comigo quando for chamado a contás!  
Estou velho, que importa? Bagatelas. »

É pegue por aí fora, com considerações variadas e interessantes. Há apenas uma diferença: é que ele diz que passou a vida contente; e eu... muito longe d'isso, muito longe...

« Meio século assim passei contente,  
Com tres annos, por cima, de recheio,  
E apesar de tudo ainda sou gente! »

Paciencia. Nem todos podem dizer o mesmo.



Esta passagem vem a pag. 203-206 do livro Penafiel. Plântem e floje de Coriolano de Freitas Bessa, ed. de 1896, Penafiel.

### Penafiel.

Outubro: 9.

O tempo, de vez em quando, dá um ar da sua graça e descebre a paisagem. Então se vê o encanto da região — quer a do nascente, que avistó da varanda do meu quarto, numa successão proxima de encostas arborizadas que se reúnem numa baixa onde cabe a freguesia de Milhundos, quer a do poente e norte, larga depressão de verdura, de aspecto calmo, de serenid.<sup>a</sup> magnifica que vem das ultimas curvas do Sousa e do perfil accentuado da passagem do Baltar e se perde na mesma linha das serras do Gener por sobre o casario branco da vila de Felgueiras.

Nas tardes limpas, as encostas do nascente são tristes; ha certa melancolia na tonalid.<sup>a</sup> da paisagem; as modas cên de tijolo de certas teladas que anunciam o outono, dão contrastes estranhos; e uma calmaria me inunda nessas horas de tristura, quando me encostó a olhar. O largo riachão do poente, esse, pela vastidão



que tem, não me dá tanto a impressão de calma; a vegetação variada, a ondulação sem regras, as accumulações de casas que formam povoados maiores ou menores, dão amplitude maior ás emoções, não concentram num quadro restrito o meu espirito e dispersam por tanta largura o desejo do que talvez possa chamar o possego visual.

Dezeste lado, do nascente, sinto-me inquieto ao ver escurecer o cenário, quando os contornos dos montes se confundem e o fumo que sai das casas e se espalha por entre o arvoredo vai apagando todas as paciencias do terreno. Do outro, em tanta largura, nem também uma vaga melancolia, mas a emoção geral não é bem a de calmaria que me dá um quadro mais pequeno.

E depois, este Minho cheio de filaresco é para mim mais atraente em parcelas menores; do alto, em longas miradas, acho que perde muito no seu efeito pictural, a vista abraça contornos vastos, ondulações que se perdem junto de outras ondulações; tapetes de arvoredo que se espalham como mancha igual por um vale ou uma encosta; adivinham-se apenas o leito dum rio ou dum riá-



cho pela inclinação das terras. E não se vê o que me atrai mais nesta rica provincia, que é o recanto que a corrente de agua faz junto de qualquer ruacisso de arvares; é a casa rustica emoldurada em parreirais ou arvares carregadas de vides; é a encosta arborizada de onde pái um telhado escuro ou a torre duma igreja; é o vale ameno onde convergem encostas com lombadas amigavel e onde a vista repousa com calma e ternura e onde se pode ficar a ver desaparecer com o escuro da noite toda essa surrivesaria de matueras.

Por isso em antés quero o panorama mais restrito deste lado do nascente, do que o do largo vale onde se estende paredes, onde vejo inmensa quantidade de povoados, até á igreja de Louzada e á capella branca de Felgueiras na encosta dum alto monte.

Será, da m.<sup>a</sup> parte, estreitara de vistas que nega os largos horizontes?

Eu sei lá! O que sei é que o horizonte largo, vasto, indefinido, não me commo-ve; o meu espirito perde-se por tanta vastidão, vai sem freio pelas grandes encmeadas, segue os grandes vales e os valesiros fundos — mas com ligeira curio-



ridade. E depois, é raro que a limpidade da atmosfera faça ver todos os contornos; e assim, de certa distancia em deante, tudo se esfuma e encolhe, e deixa um mistério por detraz.

Ato menos, numa paisagem encoldu-rada, os olhos vêem e a alma sente. A poesia d'uma arvore de guarda á curva dum ribeiro saltitante por sobre pedras musgosas, valerá a curva larga d'uma cordilheira; e o macio tapete de pinhais que dum vale fértil sobe a uma encosta suave, tranquilisa mais a inquietação da vida do que a vasta planície que se perde, ao longe, em qualquer contraforte.

É a paisagem um estado de alma?  
Será, será...

### Penafiel.

Outubro: 24.

Ontem assumi inesperadamente o comando do regimento e o comando militar da localidade!

Quer o commandante do regimento quer o coronel chefe do Distrito de Recrutam.<sup>to</sup> foram chamados p.<sup>a</sup> a Escola Central de Officiaes — e aqui fiquei em transforma-do, subitamente, como nas magias, em capitão-mór de Penafiel!



Tomei conta do enorme papelado relativa a mobilização p.<sup>ra</sup> efeitos de ordem publica, quer a do commando militar quer a do regimento, papelado que o coronel Iglesias me entregou com certa relutância... Pelo que vi de relance, parece que tudo está previsto p.<sup>ra</sup> o caso de revolta contra a ditadura que é afinal o que significa aquele enfermismo de «ordem publica.»

Estou convencido de que o Estado-Maior não tem tão bem estudada a hipótese duma invasão estrangeira... As minucias a que desceem as circulares e as ordens! E depois... não se olha a despesas; a refrizer é que é necessaria antes de qualquer outra consideração; todas as averbadas estão tomadas contra os desgraçados revolucionarios; e se não houver numerario em cofre as ordens dão-se da mesma maneira e o pagamento faz-se-las por cédulas.

É uma organização que me pareceu perfeita; e como a situação de Penafiel é especial — isto constitue uma chave preciosa não só do sul do Minho como de Trás-os-Montes e da alta Beira-Alta. Em fim, aiuto-me penhas de baraco e entelo, de pendão e caldeira ou de ruero e



mixto imperio, como queiram... Ao  
passar entre as ruas, sentia a im-  
portancia da minha posição, como de  
quem diz: "a vossa liberd. está, oh meus  
fideleuses! está nas mi. mãos; tudo isto  
me pertence; eu sou senhor de posse,  
quero e mando!..."

É ao ver a população tão possejada;  
as damas ás janelas a ver quem passá-  
ra; as devotas a irem p. as igrejas onde  
havia sessões solenes de importancia pa-  
ra as almas; os rapazes entusiasticamente  
com um desafio de foot-ball, eu passava  
com os meus botões:

— Poderes meus fideleuses!... e... jo-  
ure de mim!

É para lembrança aqui deixo um  
decalogue do rélo do  
comando militar  
de que disponho co-  
mo senhor absolu-  
to... É a minha ge-  
ma e não poder ar-  
quejar um ou ou-  
tro lerado de «ás ar-  
mas!...» com que  
amavelmente sou recebido ao entrar  
no quartel seja a que horas for. É uma  
armabid. regulamentar que, de ha um



auso para cá foi ampliada para iguais cumprimentos á saída.

A ditadura cuida, a valer, das apparencias, do culto exterior, da parte espectacular — e sobretudo, pelo visto, do aperfeiçoamento da garanta da soldadesca...

A impressão que faz o pensar que ao leudo de armas e ao toque de recado um quartel inteiro se levanta e fica, em posição de recado, no local em que estava no momento, á espera do toque de "á vontade" — como se estivesse a guardar os minutos de silencio de que agora tanto se usa!

Mentiras constantes com que se vai vivendo.

Pernafiel.

Outubro: 25.

Hoje, por mero acaso, mexendo em documentação confidencial, vi o papel que acompanhava os documentos de transferencia de officiais que o general Gomes de Sousa prescreveu para acompanhar para aqui os meus documentos.

Vou transcrever para memoria da lealdade e probidade de tal cavalheiro; e para se ver quanto póde o odiosinho destes jesuitados defensores da ordem:



As respostas aos quesitos são:

1.º: Tem aptidão física? — Sim.

2.º: Tem bom comportamento militar? — Sim.

3.º: Tem bom comportamento civil? — Sim.

4.º: Tem competência profissional? — Ignoro.

5.º: Como desempenha as funções de comando? — Não comanda.

6.º: Procura aumentar a sua instrução? — Ignoro.

7.º: É dedicado pelo serviço? — Ignoro.

8.º: É zeloso na fiscalização dos interesses da Fazenda? — Ignoro.

9.º: Como desempenha as funções de instrutor? — Não desempenha.

Segue-se o chamado juízo ampliativo: « Este oficial tem estado no quadro da Arma sem comissão, razão porque responde ignoro aos 4.º, 6.º, 7.º e 8.º quesitos. — Quartel General da 2.ª Região Militar, 10 - 9.º - 932. — O Informante (a) António Gomes de Sousa, Gen.º »

Aqueles ignoro valeu muito dinheiro! São a verdade para do que se passou pela época das Juntas Militares em



Janeiro de 1919 quando ambos pertenciamos ao regimento 35.

Fez bem em pagar o que devia; não ficou considerado como caloteiro.

Ainda bem.

### Penafiel.

Outubro: 28.

Hoje, visita ministerial, anunciada há dias. A perspectiva do terrível militarão que é o general Daniel de Sousa e a interrupção que eu punha aos motivos da visita, deixáram-me certa inquietação pelo resultado.

Mas afinal, tudo correu excelentemente e concluí que o verdadeiro motivo da vinda dele a Penafiel foi um almoço em Amarante, em casa dum discípulo e amigo, ten.<sup>te</sup> coronel Costa Santos, velho monarchico e actual presidente da Câmara.

Não havia de vir de Lisboa só para almoçar com o amigo; no caminho fica Penafiel; e Braga não fica longe, é só dar uma voltinha pequena... Aqui está, segundo parece, o segredo do caso.

Depois do almoço segue por Guimarães para Braga; e ainda vai apauhar ao Porto o rapido da noite.



E assim se desfazem todos os castêlos de intrigas politicas que se estavam a formar a proposito da visita ministerial.

O haurem gostou do quartel; disse q. ha muito não vê um quartel tão bem arrumado, aconchegado e limpo. Disse-me que transmitisse os seus louvores ao commandante, e aos officiais, etc. etc.

Realmente o aquartelamento está sempre em estado regular; mas ontêm vi coisas que ainda não vira nas outras unidades por onde andei: os officiais pessoalmente dirigiam os arruijos e a limpeza; um sargento-ajudante vi em com uma vassoura na mão a cusinar soldados a varrerem; o major Santos e Cunha com um espanador vi em a limpar os pés de uma mesa no gabinete dele; um tenente limpando por suas mãos o miquelado dumas espadas em arrecadação, etc. etc. etc. Com gente assim facilmente se faz figura...

E foi o caso de hoje.

Mandeí até inserir na ordem regimental o seguinte artigo:

« O <sup>meu</sup> Sr. Ministro da Guerra ao terminar a visita com Sr. haurem esta unidade, manifestou a sua satisfação pelo ar-



raujo, acciaio e aproveitamento do quartel (como se não há muito); pelo porte da guarda de honra; e pelo valor artístico da banda regimental. Reproduzindo as palavras daquele Ex.<sup>mo</sup> Sr. ás quaes se associou o Ex.<sup>mo</sup> Comand.<sup>te</sup> da Região, manifestou tambem a m.<sup>a</sup> satisfação a todos os Srs. Officiaes, Sargentos e mais graças pelo boa vontade e esuidade que puzeram no cumprimento das ordens dadas.»

É já agora, uma anedota.

O ministro chegou com uma manha muito linda; durante a visita surgiu nervoso e quando ele saia pela porta das armas já as cavalariças e os «parques» já choviscava. Ele olhou para o tempo com ar de arreliado; e vendo a farda um pouco salpicada de chuva murmurou com tom de arreliado:

— Ora! ... ora malta-me deus! ...

E depois, no parque não se resolveu a voltar acima; esperou o automovel e dali mesmo se despediu. Não quiz salpicar mais a bela farda nova...

É verdade que ia para um almoço em casa amiga.

Fragueiras dos militares.



Penafiel.

Outubro: 29.

Para esclarecer a verdade: a viagem do ministro da Guerra, afinal, não foi subordinada ao almeço seu Amaranthe. O homem vai por esses Traz-os-Montes ver as varias guarnições.

Suam quique.

O Schiappa do Arceado, command<sup>te</sup> da Região deise-me ontem amavelmente que fosse eu a Coimbra quando necessitasse; bastava prevenir para o parto, para lá se saber — e mais nada.

Este Schiappa tem atenções que eu não esperava. E parece-me que é, não só, sincero.

A ver uamos.

Penafiel.

Outubro: 30.

Disse-me hoje o major Parada Leitão que vem a Penafiel m.<sup>te</sup> vez porque tem cá a familia, que ontem em Vila-Real (ou de ele está colocado) um dos ajudantes do ministro lhe dissera que este anda de caudeias ás-nessas com o Salazar; que o Salazar o tem querido despedir do mi-



mistério mas que o Daniel de Sousa tem respondido que não sai. Acrescentou ainda que este está resolvido a não sair e até, na primeira oportunidade a correr com o Salazar pois diz que o "grande homem", se está a expaçar de reais: o deficit está já em 300 e tantos mil contos e para um salvadôr, com carta branca, acha que é exagerado. O Daniel de Sousa disse até (confar-me afirma o ajudante) que a corda quebra sempre pelo mais fraco e que, nestas occasiões, o mais fraco não é o ministro da Guerra...

O que haverá de verd. nisto tudo?

O Daniel de Sousa terá, não nego, boas intenções. Mas parece-me que ele não sabe lidar com quem anda metido. O mais fraco da corda não é o Salazar; não creio nisso. Quem tem por si a Compañhia de Jesus pôde rir-se á vontade das farroncas dos generais.

Pena-fiel.

Dezêtuero: 31.

Tive hoje de dar uma informação contrária, em parte, á mi.ª maneira de ver.

Um tenente António Barbeito de Matos Cardeiro, que tomou parte na revolução de 1927, em Fevereiro, e que está com



residência fixa em Penafiel, requerem para fazer serviços neste regimento ou no Distrito de recrutamento 6. É claro que eu não interferei sem perguntar para Caxias, ao commandante o que ele pensava sobre o rapaz. A resposta foi má: que fizesse eu o que quizesse mas ele não concordava com a colocação, etc.

Esta resposta não está bem em relação com o Iglesias já ter accitado no regimento outros suspeitos e até um tenente que tomou parte na sublevação do proprio regimento n.º 6. Mas enfim, resolvi dar a seguinte interferência depois de chamar o rapaz e lhe dizer varias das coisas: desde explicações a conselhos de pessoas mais experientes.

« Embora não conhecesse este official tenho dele boas informações, não só a respeito das suas qualid.º profissionais como a respeito das suas qualidades morais. Julgo, pois, atêndivel a pretensão. Porém, como este official teve quaisquer responsabilidades no movimento revolucionario de Fevereiro de 1927, parecia-me melhor que, durante algum tempo ainda, não fosse colocado nesta unidade mas sim (o que o não prejudica, antes o favore-



ce) no D. P. P. n.º 6 para onde também solicita colocações.»

Fiquei arreliado com o caso. Se fosse com a <sup>re</sup> a valer, a informação ficaria na 1.ª parte; como sou interino e não posso alterar o sistema seguido, tive de acrescentar a segunda parte.

A vida tem destes contraeusos.

### Coimbra.

Novembro: 5.

Morreu ontem o velho António Augusto Gonçalves. Acompanhei-o hoje ao cemitério, com uma centena, pouco mais, de pessoas.

Coimbra deixou passar, sem dar por isso, a morte deste homem notável — que o não foi para o grande publico porque se meteu em Coimbra e não adubou a publicidade.

A Camara municipal ergueu a bandeira a meia haste, apenas á hora do enterro, porque houve quem censurasse a speram. É que se não prestasse, ao menos, essa homenagem a um sábio vereador e presidente. A Universidade, essa, nem deu por isso e o proprio reitor, o dr. João Duarte de Oliveira, se pegou a dar



auterizações p.<sup>a</sup> a bandeira subir na Ter-  
re, alegando que o Gonçalves não era ca-  
tedrático!...

Etc. etc.

Mas o que aqui fica como inédito e  
creio que ficará desconhecido, é a causa  
da morte: o Gonçalves suicidou-se com  
arsénico.

Na reunião, quando o ia ver, ele dizia-  
me invariavelmente:

— Isto está muito demorado!... To-  
to é demais...

É ao Laureço Chaves de Almeida,  
às vezes, em conversa, falava de suicí-  
dio e fazia a sua apologia e lastimava  
apenas que às vezes fizesse sofrer as pes-  
soas que assim procuram a morte.

Tinha em casa certa dose de arsénico  
que ha mais de 20 annos lhe dá o Char-  
les Lepierre para matar ratos; e com es-  
sa dose, segundo parece bastante forte,  
matou-se ontem de manhã. Contou  
ele o caso ao dr. Bissais Barreto quan-  
do este, chamado com urgencia, ainda o  
tentou salvar com lavagens de estôm-  
go e injecções neutralizadoras.

— É escusado, doutor! A dose é sufi-  
ciente! Isto estava muito demorado, tive  
que proceder por minhas mãos...



Deixou escritas determinações puer-  
nuciosas: o enterro civil; não queria  
corôas, só flores, muitas flores; indica-  
va a posição do corpo e a disposições  
das cadeiras e mesas da casa onde o de-  
positassem; etc. etc. E para cumulo, re-  
diziu o cavité para o enterro, o unico  
que ele queria que se fizesse e que, na  
verdade, foi fixado á porta da rua.

Extraordinario houveu que até pe-  
rante a morte não deixou ser superior  
aos outros!

E até se distinguiu nas homenagemes  
que lhe prestaram na cidade — que fo-  
ram muitas...

Não era, felizmente, um insignifi-  
cante a quem fosse necessario fazer uma  
apoteose.

### Crimera.

Novemb.º: 6.

O ultimo trabalho literario que o An-  
tonio Augusto Ganeslves fez, foi o arti-  
go para o In memoriam do dr. Augusto  
Mendes Simões de Castro. Não é livro  
que se queria — mas é artigo curioso,  
um pouco desordenado, talvez, devido á  
fragressa cerebral accentuada — mas que  
ainda mostra bem o poder de tal cerebro.



Causemos o original e o bilhete de re-  
prensa, como boa recordação de um  
amigo.

Pennafiel.

Novemb.º 8.

De volta, ontem, a Pennafiel, por um  
bello dia um pouco fresco, envolvido em  
aguiros...

Eu creio não ser supersticioso, mas  
ontem foi demais! Que quantidade de  
coisas se não accumuláram á minha  
volta por toda a viagem desde Coimbra  
a esta terra! E por mais que eu quizes-  
se afastar do meu espirito esses acasos  
da vida, cada vez eles se accumuláram  
mais e me deixáram um tanto ou  
quanto aborrecido...

Ao entrar no electrico, em Coimbra,  
para descer para a estação, surge o en-  
contro dum caixão á cabeça dum mu-  
ther; por toda a viagem, no rapido, va-  
rios acasos agoiamentos; no Porto, á sai-  
da de S. Bento, um subterro profundo  
atravessava as ruas e eu, até a Triu-  
dade, p.º tomar a caminheta, tive de  
atravessar duas vezes a fileira inter-  
minavel de carros; etc. etc. até que ao  
chegar aqui, ouvi os rinos das tarres



da cidade doleravam plausivelmente  
e furiosamente!

Ah, com tanto agouro!

Penafiel

Novemb.º 11.

O Tomás da Fonseca deu-me um pacote de obras suas, a meu pedido, para as oferecer á Bibliotheca Municipal de Penafiel. Intenção cívica de contrapor as ideias do livre-pensador á influencia clerical que aqui abunda.

Supemuit.º parece que não faz real a miopagem...

Das livros do Tomás acrescentei dois meus, sem grande merecimento; eram, ao todo, doze especies e com elles foi o seguinte officio para a Camara:

«Tomo a libert.º de informar V... de q.º entreguei entem na Bibliotheca Municipal desta cid.º, doze especies bibliograficas que adeante não relacionadas. — Aparte dois opusculos sem importancia de que sou autor, são ofertas que em Coimbra, ha dias, conseguí de um amigo meu e de uma instituição de cultura a que mais ou menos estão ligados. — Espero, em breve ter occasião de entregar na mesma



Biblioteca algumas especies bibliograficas que aquella cid.<sup>a</sup> me foram prometidas. — Saude e Fraternalid.<sup>a</sup> — Pauafiel, 11 de Novembro de 1932. — Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Comissao Adm.<sup>va</sup> de Camara Municipal — (a) Biblioteca. »

no mesmo tempo, e por causa das devidas, pedi para que a relação dos livros fosse publicada nos jornais republicanos da terra. Com a noticia p.<sup>a</sup> o publico sempre se evita o desaparecimento de um ou de outro livro mais escaudaloso.

Pauafiel.

Novembro: 20.

Atta jacta est! A me.<sup>a</sup> conferencia de tre Numa huas lá foi para Coimbra para ser impressa. Copiei-a, dei-lhe uns toques e fiz-lhe um ligeiro prefacio. Lá foi tudo hoje para o Tomás da Fausca q.<sup>e</sup> estava ancioso.

O que sairá daqui?

E o melhor é que o Tomás da Fausca, em Coimbra, annunciava-me que eu ganharia dinheiro.

Ganhar dinheiro!... E agora que tá necessario é!



Penafiel.

Novembro: 22.

O Tomás da Fausseca informando-me da chegada do original da conferencia diz-me de Coimbra: « Aquilo nem coisa afimada! Vai ver como os 2:000 exemplares se evaporaram! »

Já em 9 do corrente ele me dizia investigando-me: « É esta a hora de Muraltares... » É realmente o que para aí se está a fazer a respeito do nome do Condestavel é tremendo!

Leitura-me do que o Eça de Queiroz escreveu acerca de Joana d'Arc na altura da sua canonização e que nem no volume Cartas particulares e lithetas de Paris. Quasi se podia aplicar a excelente prosa do Eça ao nosso heroi, trocando simplesmente os nomes.

Enfim... Vamos a ver o que se dirá da obra e se levanta polémica.

Penafiel.

Novembro: 24.

Ontem o illustre Salazar deitou targa para urbi et orbe. Os aparelhos de telefonica sem fios espalharam-nos aos quatro cantos.



A mesma história e a mesma canção de sempre!

É ver os jornais: as mesmas distrições contra a Democracia, contra os partidos, contra os políticos; só a ditadura é capaz de salvar o País: « Nós temos uma doutrina e somos uma força. Como fazer? » E compete-nos governar... » Etc. etc. E abandonou ainda os problemas sociais e a existência do partido socialista que condena; e repisa a necessidade de um Estado forte, de uma disciplina energética de cima, e lança as culpas de todas as desgraças actuais á Democracia, a esse ídolo que tanto o afogueia.

Ora tudo isto, estamos a ver que vem já de traz, que é a resultante de todas as espécies de reacções de há 50 anos para cá contra a organização e segurança de Democracia; ~~mas~~ e pouca gente se apercebe, segundo creio, que paira por sobre tudo, a azar negra da Companhia de Jesus inspiradora e protectora...

Assim será.

Isto de um país de ignorantes como o nosso é tão fácil de enganar! Era ver ontem o ar de beatitude com que varias pessoas escutavam os aparelhos de telefonia pelos fios! Pareciam elevados em



música celestial, como quem antevê já a  
bem-aventurança!

Curioso, muito curioso. Souso, evi-  
dentemente, um povo de sebastianistas.

### Coimbra.

Dezembro: 1.

Conheci hoje o professor e filósofo ar-  
gentino Navarro y Monzó. Foi-me apre-  
sentado pelo poeta António de Sousa o  
qual me pediu para mostrar aquele a Tor-  
re de Antó.

Nas mínimas parcelas da conversa,  
deu-me a impressão duma cultura es-  
tupéfica. Extremamente simpático, m.<sup>to</sup>  
simples, de maneiras afectuosas; nada  
que diga o extraordinário homem que é.

Tem audado aí a fazer conferencias.  
Mas... como os católicos da terra o da-  
por protestante, é claro que a sala dos ca-  
jeiros onde tem feito as conferencias tem  
estado quasi ás moscas, apenas com umas  
duzias de ouvintes.

### Penafiel.

Dezembro: 6

De novo em Penafiel. Tempo de inver-  
no. A paisagem entristece; só a relva  
verde alegre o ambiente.



Ontem, ao passar pelo Porto, fui falar ao Schiappa de Arcevedo. Recebeu-me bem, embora com certa reserva de diplomata. Agradei-lhe as facilidades que me deu dado; expliquei-lhe as razões que me levam a encôvidadas novas a Coimbra; falei livremente, sem grandes preocupações de cerimonia. Lembro que ele notou isto...

Mas o mais interessante da conversação foi o ele falar-me de certos real-entendidos com o regimento. E pareceu-me que ele se penitenciaava por ter dado ouvido a intrigas fomentadas aqui por monarquicos; e essas intrigas foram a ponto de ele, quando ministro, chegar a pensar em desarmar o regimento... Enfim, com certa habilidade, aludiu a tudo isto, e terminou por dizer que esse real-estar acabara e que já dera provas disso ao coronel comandante.

E como eu, discretamente, mas com certa ironia dissesse que essas supjeitas teriam recommçado com a minha colocação aqui, ele teve um gesto rapido e acudiu:

— Não seuhar... não seuhar... Está muito bem no seu lugar... O que é pena é o desarranjo que isso lhe causa.



É com esta amabilidade que foi, com certeza, uma amabilidade, e política, despedi-me e desci a escada acompanhado distintamente por um dos ajudantes de ordens.

É hoje, no quartel, ao rever as ordens regimentais destes dias passados, deparei com a novidade de uma mudança de auro de comportamento exemplar com que a munificência ministerial me contemplou.

Já não era meu tempo. Ela quasi 3 annos que me deviam.

A justiça é coisa difficil mesmo quando imposta pelo regulamento.

### Penafiel.

Dezembro: 11.

Os jornais republicanos da terra deram a noticia da m.<sup>a</sup> oferta dos livros á Bibliotheca Municipal. É claro, só os jornais republicanos.

O organo dos democraticos O Povo de Penafiel largou, até, artigo laudatorio. Veio no n.<sup>o</sup> 352 de hoje e cá fico guardado com outros — para boa memoria da minha breve passagem por esta terra que, diga-se, não deve dar grande



vida a creaturas como eu. Salve-se verdadeiramente a paisagem, quasi desaparecida ha dias debaixo do peso constante de violento temporal — mas que é sempre bella e alicianté.

A mi.<sup>a</sup> permanencia, aqui, não dá-ria grande coisa. É certo que não tenho razões de queixa: toda a gente com quem tenho tratado por qualquer motivo me recebe bem; sou cumprimentado por varios individuos que não conheço e que não são officiais reformados. O ce-lo para eu é que, ouvindo falar este ou aquelle sobre a terra, eu só oico dizer mal e avisar-me de que me acautèle... com os outros. Quasi ninguém faz qualquer referencia agradável ao meu semelhante; na boca de cada um, o resto da popula-ção é uma corja de maldados!

É o que me admira mais é que es-tas coisas são ditas a um estranho que está aqui ha pouco tempo e estará o mesmo tempo possível. Vê-se, por isto, que é terra superior p.<sup>a</sup> intrigas.

É é pena. A natureza é tão boni-ta! Tudo isto á volta é tão alheamente, tão calunante, tão afetecivel!

Tu é claro vai ouvindo e acho a tu-do mi.<sup>a</sup> graça — e de tudo aqui deixarei



aqui as impressões que surgiram, por-  
que, já agora, Peregrino ficará na minha  
memoria com agrado e nestas notas com  
o devido apreço.

Peregrino:

Dezembro: 27.

Fui ontem eleito presidente da assem-  
bleia geral do Club Peregrino em lista apro-  
vada por aclamação.

Este Club foi fundado há pouco tem-  
po depois de uma dissidência provocada  
na Assembleia local por uma attitude  
precipitada e pouco politica do coronel do  
regimento, o Iglesias; uma má interpre-  
tação do regulamento da casa deu occasião  
a uma querrelha infeliz da qual resultou  
a saída da officialidade toda e de alguns  
civis que fundaram a seguir o Club.

O Iglesias foi a alma da questão e com  
seguiu com isso abrir certo sulco entre  
a guarnição e a população civil, com to-  
das as más consequências que se pro-  
curou eliminar com a devida cautela pa-  
ra não ferir melindres.

Logo de entrada, nos primeiros dias  
da m.<sup>a</sup> estada aqui, o Iglesias disse-me  
que se eu me propozesse sócio da As-  
sembleia teria muita pena nas políti-



Paris do comando da Região a m.<sup>o</sup> pai do  
do regimento. Eu achei tão extraordinária  
a fraqueza que, riudo-me, respon-  
di-lhe:

— Ora aqui tem o comando. <sup>ta</sup> Uma boa  
maneira de eu me ir embora... Vou já  
amanhã propor-me socio da Assembleia  
e o coronel fica livre de mim.

Ele parece ter caído em si e por boas  
palavras pretendeu tirar o mau efeito do  
seu dito.

Passado algum tempo, os officiaes do  
regimento vieram ter comigo e pediram  
me que lhes desse a hora de entrar  
p.<sup>o</sup> o seu club. Eu disse-lhes que dada  
a cisão e o mal entendido com a popu-  
lação civil, preferia não pertencer a  
qualquer das instituições; mas elles in-  
sistiram, e com tais provas de estima,  
que eu ~~me~~ cedi embora contrariado.  
Lá fui eleito socio e agora, como se vê,  
p.<sup>o</sup> corresponderam á minha transigen-  
cia, elegeram-me p.<sup>o</sup> a presidencia da  
assembleia geral.

E' uma honra para a familia...

Mas enfim, da parte da officialidade,  
da qual só tenho que dizer pouco, refrosem  
ta uma atenção.



Peça final.

Dezembro: 31.

Termina hoje o ano. Que o tenham  
seiscientos Diabos!

É para fechar com chave de ouro, po-  
rece-me que não há melhor do que enco-  
menda-lo aos ditos seiscientos Diabos...

É porque não?





Cofria = Le<sup>o</sup>. Mestre. — "Perdi os velhos hábitos de con-  
"vivência com os jornais porque fraco frazer me dá,  
"actualmente, a prosa tamizada pelo critério das con-  
"viviências jornalísticas," di-lo V. E. no seu bello artigo  
do Diário de Notícias, palavras que são a demonstra-  
ção evidentíssima do seu espirito sempre moço e do  
seu coração arreigadissimo liberal, num tempo estu-  
pendo em que vivemos ludibriados, atagantados, tira-  
nizados, em Republica, mas sem Republica. — Sou-  
be V. E. com tão escaldantes como mobilitantes palavras  
gritar o seu nojo e protestar contra aquilo que vilipen-  
dia a nossa consciencia de homens livres. — E fe-lo  
com a maior das energias dando aos novos um  
enormissimo exemplo de grandesa de caracter. — Mui-  
tas e muitas felicitações. — Mas... portas a dentro  
do estabelecimento que V. E. superiormente dirige  
passam-se factos que carecem de ser reprimidos  
com igual energia. — Está ai constituido um tri-  
bunal venezianno. Os accusadores armaram-se, tam-  
bem, em testemunhas e jurados. — Ao pretorio vai  
subir um subordinado de V. E., a unica entidade  
que, em harmonia com o Regulamento dos fun-  
cionarios publicos, podia requerer, instaurar ou  
mandar instaurar processo disciplinar contra o  
seu subordinado, pedindo elles, a estranhos, uma



sindicancia? — Havendo dificuldades na escolha do inquisidor, os acusadores que não tropas foram também buscar um tropa, monarchico conhecido e que mascararam com o titulo de doutor... Doutor in partibus infidelium. — E assim se pretende roubar o pão a um homem que tem por crime o crime de ser republicano e por agravante, e agravante da altitude que tomou naquelle celebre comicio da Be'... pelo caso de S. João de Almedina. — E' bem certo que os jesuitas não perdoam nunca. Os ventos estão-lhes propicios, e eles vão molhando a vela... enquanto o mar é bonancoso. — Que seja V. Ex. a requisitar a sindicancia e a formular as acusações é logico e é justo; mas que uma entidade estranha o faça, representa tão somente querer passar por cima de V. Ex. o que é inadmissivel visto que V. Ex. é alguem em Portugal, alguem que merece a consideração e respeito e que, por isso mesmo, não pode ser esfesinhado pelos figmeus que V. Ex. fez subir aos pincaes da arte e da arqueologia! — Não, V. Ex. com a sua energia moça, vai, sem duvida, reprimir a afronta e ao depois, requerer contra o seu subordinado a sindicancia. — Os seus amigos e os seus admiradores assim o esperam, pois, revoltando-se V. Ex. contra as "conveniencias policiaes" não pode



deixar de revoltar-se contra as conveniências de  
caserna e de sacristia! — Um sincero admirador.

— Dirigida ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Arb.<sup>o</sup>

deputado Gonç. Lues e rece.

tida em 16 de julho de 1928.

---



o<sup>mo</sup> l<sup>mo</sup> e M.<sup>mo</sup> Juiz de Investiga-  
ção Criminal:

Já ha muito se notava no Museu Machado de Castro falta de certos objectos, especialmente nos que têm estado guardados nas arrecadações á espera de serem colocados nas salas em lugar apropriado. Não havia, porém, indícios que levassem á descoberta de quem os subtraia e da forma como essa subtração era feita.

Casos se deram ultimamente que fizeram chamar a atenção sobre um dos empregados do Museu; e, levado por suspeitas mas sem ter claramente uma prova, o Conselho de Arte e Arqueologia ponderou a necessidade de uma sindicancia aos actos desse empregado, de nome Antonio Viana, suggestivado principalmente pelo facto de ele negociar em objectos antigos e ter relações com comerciantes do mesmo ramo de negocio.

Mas ha factos que, possivelmente se não ligam com o aludido empregado e outros que se ligam com os seus actos mas que, possivelmente, ficariam fóra da esfera de accção e da alçada de



um vindicante; e assim, em nome deste Conselho a que tenho a honra de presidir, e não querendo, por mais tempo, ter o meu nome envolvido em casos que podem atingir a honrabilidade dos vogais do mesmo Conselho (que eu reputo muito acima de todas as suspeitas) torno a liberdade de recorrer a V. Ex. para que se digne tomar as providencias que melhor entender perante alguns factos que submetto á consideração e ao recto criterio que todos reconhecem em V. Ex.

a) O desaparecimento de uma porção de veludo velho, de seda, que estava em arrecadação e que consta ter sido transformado em vestido de amante do empregado aludido e que esse vive.

b) O oferecimento de grande numero de azulejos mudgares (tipo dos de Si Velha) feito pelo referido empregado ao Dr. Bessaia Barreto e mais tarde ao Dr. Guimarães Pedrosa e ao pintor Fausto Gonçalves. Estes senhores não os aceitaram por serem caros; mas os azulejos que estavam em arrecadação no Museu, foram desaparecendo em grande quantidade.

c) A substituição de uma peça de faianças de sala Teixeira de Carvalho, por uma outra estragada; a substituição é bem clara e o proprio mu-



Diuenub

mero de ordem não é o que estava.

d) A mudança de muitos objectos da residência actual do aludido empregado p.<sup>a</sup> casa de uma sobrinha da sua amante, na Moura dos Apostolos, ao saber que o Conselho de Arte e Arqueologia lhe propunha a sindicancia.

e) O desaparecimento de uma peça de faiança conhecida por "cão de fogo", de S.<sup>te</sup> Clara, que appareceu á venda na casa de Antiquidades Barjona & C.<sup>a</sup>, á S.<sup>te</sup> Velha. Esta peça de faiança foi restituida ao Museu ao saber-se que o Sr. Director do mesmo ia entregar o caso á policia.

f) A insistencia do aludido empregado perante os guardas e a servente do Museu para permitirem a troca de um dos vasos orientais (actualmente no Museu do Ourivesaria) por um outro que ele tinha em seu poder e que, de certo, não seria do mesmo valor.

Além destes ha muitos outros factos que chegam imprecisos ao conhecimento deste Conselho; verificou-se a falta de muitos objectos em arrecadações; mas verificou-se, agora, tambem, que essa falta cessou desde a suspensão do referido empregado.

Estaremos na presença duma suggestão erra



da e não será ele o autor de alguns dos factos apontados? V.ª com a investigação que superiormente dirigirá e que poderá esclarecer e discernir responsabilidades — pois o pessoal do Museu não constava só do indicado e visado principal nesta participação, mas sim de 4 guardas e 1 servente.

Terminando, ainda informarei V.ª de que as suspeitas se avolumaram e concretisaram desde que o vogal deste Conselho, Sr. Lourenço Chaves de Almeida começou a exercer fiscalização por delegação do Conselho sobre os serviços do Museu, junto do Sr. Director do mesmo.

Se as diligencias a que V.ª se dignar proceder obrigarem a despesas, este Conselho põe à disposição de V.ª os seus fundos.

Lisboa, 11 de agosto de 1928

O Presidente

Belisário Pimenta



# IGREJA DE S. BENTO

VENIT TANDEM DIES ?

O *Diario do Governo* acaba de informar-nos que uma comissão, composta de cinco membros, foi incumbida de resolver o velho conflito relativo á igreja de S. Bento — que a direcção dos monumentos nacionais conserva e o conselho escolar do Liceu José Falcão pretende demolir.

Dessa comissão fazem parte dois cavalheiros de Lisboa, que não conheço, dois membros do Conselho de Arte, os srs. drs. Abel Urbano e Amadeu Ferraz de Carvalho, e o reverendo Campos Neves, conego do Seminario!

Tirante os membros do Conselho, que foram bem escolhidos e saberão manter as resoluções unanimes do mesmo, os restantes — que Deus Nosso Senhor me perdoe se calunio! — parece terem sido escolhidos pelo meu querido amigo dr. Dias Pereira, com quem, neste particular, nunca pude entender-me. E o Conselho de Arte ainda menos!

Estranhei a comissão, é claro. E essa minha estranheza parte principalmente do facto de não ver, entre os seus membros, um que de modo algum lá devia faltar — o director dos monumentos nacionais! Ele ou, pelo menos, um architecto qualquer.

Podem objectar-me que foi dignamente substituido pelo reverendo conego do Seminario. Sim, mas para interesse do imovel de que se trata, antes viesse um leigo — em religião e em arte. Porque é de todos bem sabido que os sacerdotes só respeitam os templos enquanto lá está Deus. E naquele já não ha Deus, como bem sabem todos.

Pelo voto do sr. conego, portanto, a igreja vai a terra.

Ficam a segura-la apenas os ombros dos meus colegas e amigos do Conselho de Arte. Pergunto: — Não haverá o perigo de ficarem debaixo, esmagados?

Ah! antes se arrazem todos os monumentos nacionais!

Faço, portanto, votos para que eles se não metam na arriosa, deixando o caso entregue aos três restantes cavalheiros, que não correrão perigo algum, pois que, nesta altura, já devem estar bem com Deus e com o diabo. Até mesmo o sr. conego.

Protestar? Para quê e perante quem, se o titular da pasta da Instrução, por onde correm estas coisas, é o primeiro a baralha-las?

Resta-me rezar-lhe por alma.

Por isso e porque na dita comissão entra um homem de igreja, seja-me licito, desde já, compulsar o *Ritual*, ministrando ao templo beneditino a extrema unção que bem merece pelos martirios que sofreu: — *Per istam sanctam unctionem...*

E porque, decerto, vai morrer, deixem-me rezar-lhe tambem o officio dos mortos: — *Quesumus Domine, pro tua pietate miserere animae famulae tuae... A' porta inferi... Requiescat in pace...*

E você, Dias Pereira, acompanhe-me aqui, neste responso, dizendo pelo menos — *Amen!*

Coimbra, 8 8 928.

TOMÁS DA FONSECA



## Liceu José Falcão

### O parecer duma comissão sobre a Igreja de S. Bento e as obras ali a realizar

**A** COMISSÃO encarregada pelo sr. Ministro da Instrução de dar o seu parecer sobre a igreja de S. Bento e sobre as obras a realizar no Liceu José Falcão, em reunião ante-ontem realizada, reconheceu o valor artístico e arqueológico da igreja, perfilhando sob esse ponto de vista o parecer emitido pela secção de arqueologia do Instituto de Coimbra, mas declarando que a questão também tem de ser encarada sob ponto de vista dos interesses do Liceu.

Pronunciou-se contra a adaptação da antiga igreja a ginásio, bibliotéca ou quaisquer outras adaptações que venham alterar a harmonia do conjunto e a feição artística do monumento.

Lamentou que se tenha despojado a igreja dos pulpitos, retabulos, grades do coro, cadeirais e azulejos que revestiam as paredes, cometendo se assim vandalismos que, juntos ao abandono em que se deixou o edificio, o conduziram ao estado de ruina em que se encontra.

Afirmou que é indispensavel o prolongamento da ala noroeste do Liceu até ao cunhal poente do Jardim Botânico, para se dotar o edificio com 7 ou 8 boas salas de aula indispensaveis á lotação normal de oitocentos a mil alunos.

Afirmou que a iluminação e ventilação das Salas instaladas ou a instalar nesta aula são prejudicadas pela igreja por haver um estreito espaço de 3 metros de largura entre as altas paredes de um e outro edificio.

Declarou também que qualquer que seja a resolução do sr. Ministro da Instrução sobre o destino a dar á igreja de S. Bento, é de toda a urgencia a construção imediata da ala noroeste que vai desde o cunhal do poente, sobre o Jardim Botânico, até á par-ta fronteira ao transepto da igreja, porque se obterão assim, desde já, mais cinco ou seis ótimas salas de aula razoavelmente iluminadas e ventiladas, visto que ficará entre esta parte da ala e a abside da igreja uma passagem com oito metros de largura entre os dois edificios a qual desembocará sobre a mata do Jardim, por uma grande abertura também com oito metros.

A Comissão resolveu ainda chamar a atenção do sr. Ministro da Instrução sobre o parecer ou comunicação



elaborada ha anos pelo douto professor e notavel archeologo Dr. Garcia de Vasconcelos, quando Reitor do Liceu, sobre o mesmo assunto tratado pela Comissão.

Na Gazeta de Coimbra, n.º 2230, de 14 de Agosto de 1928.

— x —

## Igreja de S. Bento e Liceu de José Falcão

**D**AMOS hoje, na íntegra, a portaria do sr. Ministro da Instrução Pública, porque esse documento esclarece devidamente o assunto em questão:

*Portaria — Direcção Geral do Ensino Secundario.* — Sendo conveniente estabelecer de modo definitivo o plano de obras a realizar no edificio de S. Bento, em Coimbra, onde se encontra instalado o liceu de José Falcão, por forma a completar a sua adaptação aos diversos serviços deste estabelecimento de ensino, em especial aos de educação fisica, que, por enquanto, não tem as necessarias instalações;

Considerando que o plano das obras, anteriormente aprovado pelo Conselho Escolar do referido liceu, sob parecer do Médico escolar, importa a demolição da igreja de S. Bento, hoje em ruínas, e que, por outro lado, o Conselho de Arte e Archeologia de Coimbra se tem pronunciado pela conservação deste monumento, o que tudo deve ser devidamente ponderado;

Atendendo a que a resolução deste assunto impõe o seu estudo sob o ponto de vista pedagógico, artistico, de sanidade e hygiene escolar, acautelando-se devidamente os interesses do ensino da numerosa população escolar do liceu:

Manda o Governo da Republica Portuguesa, pelo Ministerio da Instrução Publica, que sobre o referido plano de obras dê o seu parecer, no prazo de oito dias, a partir da publicação da presente portaria, uma comissão constituída pelo chefe interino da 2.ª Repartição da Direcção Geral do Ensino Secundario, bacharel Victor Manuel Braga Paixão, como representante da referida Direcção Geral; dr. Francisco Pinto de Miranda, inspector de ginástica; dr. Abel Augusto Dias Urbano, engenheiro e professor do Liceu de José Falcão; dr. Amadeu Ferraz de Carvalho, secretario do Conselho de Arte e Archeologia; cónego Campos Neves, professor do Seminario de Coimbra. — Paços do Governo da Republica, 25 de Julho de 1928. O Ministro da Instrução Publica, *Duarte Pacheco*.

Vê-se, pois, que o sr. Ministro conhecia perfeitamente o parecer do Conselho de Arte e Archeologia, contrário á demolição da igreja em ruínas, que o Conselho Escolar do Liceu, sob a presidencia do então Reitor Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Professor eminente e archeólogo



distintíssimo. se tinha pronunciado a favor dessa demolição, por unanimidade de votos, com o fim de se poder efectuar a construção de toda a frontaria do liceu, velha aspiração da cidade, e ainda para conseguir que as aulas sejam convenientemente ventiladas e cheias de luz, construindo-se as salas necessárias á numerosa população escolar do liceu, ao tempo 500 a 600 alunos, e actualmente perto de 1000.

Posteriormente a necessidade de educação fisica dos alunos, obrigou o médico escolar e as entidades sanitarias a emitirem o seu parecer sobre o aproveitamento da igreja a esse fim, tendo-se pronunciado contra.

¿ O que fez o sr. Ministro?

*Nomeou uma comissão para estudar o assunto sob o ponto de vista pedagógico, artistico de sanidade e hygiene escolar, acautelando-se devidamente os interesses da numerosa população escolar do liceu.*

¿ As pessoas que fazem parte da comissão são idóneas? São absolutamente competentes e, por isso, o sr. Ministro, fóra das paixões, procedeu com acêrto.

Para o aspecto pedagógico está o chefe da repartição pedagógica, para o de ginástica o inspector respectivo, sob o aspecto sanitário emitiu o seu parecer o médico escolar, sob o artistico já se pronunciou o Conselho de Arte e também o Conselho Escolar fez ouvir as suas razões, e, assim, *tudo ponderado devidamente, se pode resolver.*

Além do chefe da Repartição Pedagógica e do inspector de ginastica, fazem parte da comissão pessoas da maior respeitabilidade e competencia: o coronel de engenharia Abel Urbano, que alia aos seus invulgares conhecimentos como engenheiro as qualidades de professor efectivo do Liceu e membro do Conselho de Arte; o Dr. Amadeu Ferraz de Carvalho, professor de rara probidade e secretario do Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra, sob todos os pontos de vista incapaz de deixar de levar ao conhecimento do governo todas as opiniões sobre o assunto.

O sr. conego Campos Neves, embora não tivesse assistido á reunião, estava bem nomeado porque é pessoa de merecimento e justamente considerada.

Não vêmos, pois, motivos para alarmes ou exaltações de qualquer natureza, a não ser por parte de quem pense exclusivamente impôr a sua opinião, fazendo taboa raza das opiniões alheias, dos interesses gerais e dos professores da cidade de Coimbra.



Segundo a opinião das competencias autorizadas a igreja de S. Bento não é exemplar unico do estilo em Coimbra e hoje está em ruinas, tendo sido votada já a demolição dessas ruinas pelo Senado que saiu da Assembleia Nacional Constituinte. Estudar o assunto convenientemente eis de que se trata.

# MONUMENTO

AOS

## Mortos da Grande Guerra

Posta de parte, pela respectiva comissão, a ideia de erigir o monumento aos Mortos da Grande Guerra na Praça da Republica, cujo local, apesar das opiniões divergentes, em nosso modesto parecer é aquele que devia ser escolhido e preferido, só nos resta aceitar a evidencia dos factos, curvando-nos reverentemente perante a decisão daqueles que, certamente, com autoridade, tomaram tal decisão, por entenderem que assim era necessario decidir.

Assente, portanto, que o monumento não pode ficar na Praça da Republica, é agora indispensavel, na escolha do novo local, não decidir de animo leve porque o assunto é melindroso e da sua resolução algum beneficio pode advir para o embelezamento duma das arterias da cidade.

Vemos lançada a ideia para que

o monumento fique num dos taboleiros da Avenida Sá da Bandeira.

Discordamos absolutamente desse proposito.

Não sabemos a razão da teimosia de certas criaturas em deixar desguarnecida completamente a parte da Avenida Sá da Bandeira frente ao Teatro Avenida e Escola de Santa Cruz.

Aquilo, como dizem que fica, destoa completamente da beleza que dizem ficar a Avenida Sá da Bandeira.

A tal Praça, como lhe querem chamar, embora, pela sua estrutura enladeirada, nunca Praça possa ser, desguarnecida de arborização e de qualquer outro componente, ficará sempre sem graça nem elegancia, constituindo um local agreste e sem beleza.

Teremos, pois, de pôr de parte caprichos ou conveniencias, se de



facto conveniências ou caprichos existem, para aproveitar o momento, que é unico, para o aformoseamento da importante arteria Sá da Bandeira, que bem digna é de todas as nossas atenções.

O monumento aos Mortos da Grande Guerra ficará muito bem e com todas as condições de estética na Avenida a que nos estamos referindo, mas no terreno que fica entre o ultimo taboleiro do jardim e a Escola de Santa Cruz.

Colocá-lo noutra sitio seria uma barbaridade de lesa estética e perder a ocasião unica de dotar o recinto pobre e abandonado da Avenida com um adorno que seria de grandes e apreciaveis efeitos.

Não somos só nós a pensar assim. O illustre e estimado architecto sr. Silva Pinto, que, pela sua autoridade e competencia, é uma gloria nacional, fazendo parte da comissão do monumento, tambem assim pensa, e não faz sentido que a sua opinião autorizada seja posta de parte.

Dizem que a Avenida Sá da Bandeira, com a transformação que está sendo operada, vai ficar um recinto encantador.

Pois melhor e mais completa ficaria se a parte que medeia entre ela e a Escola ficasse ornamentada.

Não ha argumentos que possam refutar a nossa opinião, que é a opinião de muita gente sensata, e portanto o monumento, muito bem, sob todos os aspectos, deve ser erigido no local que indicamos.

A Avenida Sá da Bandeira, em plano inclinado, como é a Avenida da Liberdade, em Lisboa, com o seu monumento dos Restauradores, ao fundo ficaria belamente decorada, tendo por inicio o monumento aos Mortos da Grande Guerra.

E ainda lá fica grande espaço para comportar os carros, etc., indispensaveis para o serviço do nosso teatro.

Não deixem, pois, passar a unica oportunidade.



COIMBRA MODERNA

## Na Avenida Sá da Bandeira

### O Monumento aos Mortos da Grande Guerra

**E**STA definitivamente resolvido que o Monumento aos Mortos da Grande Guerra seja erigido na Avenida Sá da Bandeira, cujos novos ajardinamentos, em sôrma de delicados e elegantes *parterros* com vistosos jogos de água, vão ser construídos, como se sabe, pela Comissão de Turismo.

A escolha daquela avenida foi feita pela comissão executiva do monumento, e quer a Camara quer a Comissão de Turismo não se opposeram, se bem que pozessem restrições sobre o talhão onde aquele deveria ficar, visto estar em execução um projecto de aformoseamentos do local cuja estética do conjunto era preciso respeitar.

A comissão executiva do monumento, com indicações do júri que classificou as *maquettes*, escolheu o segundo talhão da avenida, a contar de cima, mas, neste ponto, nem a Camara nem a Comissão de Turismo nada quizeram resolver sem ouvir o sr. Jacinto de Matos, autor do

projecto do referido aformoseamento, no que só procederam bem.

Em face da attitude concorde das duas referidas entidades, e tendo a comissão executiva do monumento, representada pelo major sr. Belisario Pimenta, illustre presidente do Conselho de Arte e Arqueologia, tomado dela conhecimento, combinaram convidar a vir a Coimbra o paisagista sr. Jacinto de Matos, o architecto sr. Antonio Varella e o escultor sr. Luis Fernandes, estes ultimos autores da *maquette* do monumento, a fim dos três distintos artistas entrarem num accordo definitivo sobre a escolha do talhão onde o monumento deveria ser erigido, encontro que se effectuou ante-onhem, terça feira, no edificio dos Paços do Concelho.

Felizmente, as discordancias, que a principio surgiram depressa desapareceram, depois de ser demoradamente examinado o projecto dos aformoseamentos da Avenida e duma visita a esta, para melhor conhecimento da disposição dos seus quatro talhões.

Entre o sr. Jacinto de Matos e o architecto e o escultor do monumento foi resolvido, no mais estreito accordo, que os dois talhões do centro da Avenida sejam reunidos num só, desaparecendo a rua trans-



versal que fica em frente da Estação dos incendios.

No centro deste grande talhão, é que ficará o Monumento.

Esta resolução foi comunicada á Camara, que agora deliberará aprová-la ou rejeitá-la, tudo nos levando a crer que se dará a primeira hipótese. Na Avenida ficarão as mesmas quatro taças de agua, duas na frente do Monumento e duas na retaguarda, o que não sucederia se o monumento fôsse erigido no 2.º talhão existente, ao cimo da Avenida, porque, neste caso, uma das taças desapareceria e outra ficaria isolada e escondida atraz daquele.

O architecto sr. Antonio

Varela já retirou para Leiria, tendo levado a planta dos novos aformoseamentos da Avenida, a fim de colocar no ponto escolhido o monumento, e feito isto remete-la-ha ao sr. Jacinto de Matos, para o Porto, para que este estude as modificações a introduzir no projecto, e que, segundo as nossas informações, serão pequenas.

O sr. Jacinto de Matos, que conferenciou ontem com a Camara e com a Comissão de Turismo, voltará brevemente a Coimbra, afim de se poder dar começo á construção das taças, para o que trará da sua casa do Porto um habil operário especializado nesses trabalhos.

## UNIVERSIDADE LIVRE

### A conferencia do sr. dr. Brito Camacho

A UNIVERSIDADE Livre de Coimbra que tão brilhantemente tem desempenhado a sua nobre missão, a da educação do povo, por meio de conferencias, conseguiu a vinda a Coimbra do illustre homem publico e consagrado escritor que é o sr.

dr. Brito Camacho, e que ontem, na Asseciação dos Artistas, proferiu uma conferencia por todos os titulos notável.

Antes da hora marcada para a conferencia já a vasta sala se encontrava repleta de gente que anciosamente aguardava a chegada do sr. dr. Brito Camacho.

Entre a assistencia, uma das maiores que ali temos visto, encontravam-se muitas senhoras, porque elas nunca faltam ás conferencias da Universidade Livre.



O conferente entrou na sala acompanhado pelos srs. major Belisário Pimenta, dr. Costa Mota, dr. Dias Pereira, irrompendo a assistencia com vivas ao sr. dr. Brito Camacho, á Republica e á Liberdade, vivas que eram correspondidos com entusiasmo, ouvindo-se tambem estrepitosas salvas de palmas.

Fez a apresentação do conferente, o sr. Belisário Pimenta que, como presidente do Conselho Administrativo, se congratulava pela honra que o sr. dr. Brito Camacho havia dado á U. L., aceitando o seu convite. Em seguida deu a palavra ao sr. dr. Brito Camacho, a quem se dispensou uma nova e carinhosa manifestação.

O sr. dr. Brito Camacho, usando da palavra, agradeceu a honra do convite e as saudações da assistencia, dizendo que não vinha fazer uma lição, nem uma conferencia, mas sim uma palestra, e que o assunto a tratar nos seus multiplos aspectos daria para uma série de conferencias.

Entrando no assunto da sua conferencia—*Direitos da criança e direitos do homem*—disse que aquella antes de ser gerada já tinha direitos e a propósito citou a prática da velha China de se casar antes de nascer.

Alongando-se em considerações nas quais por vezes predominava o seu espirito

humoristico, disse que o principal direito da criança era viver, mas isto não bastava; era preciso que ella se desenvolvesse e que o homem fosse um animal perfeito e não um perfeito animal. Era preciso dirigir a sua educação fisica para ser um animal perfeito.

Condenou a prática de se alimentarem as crianças como se fossem adultos, dando lhes tambem bebidas alcoolicas. E, a propósito, referiu-se ao facto das pretas amamentarem os filhos durante dois anos, começando depois ao que ellas chamam a engorda, mas nunca lhes dão bebidas alcoolicas.

Afirmou que a mulher não devia casar sem frequentar uma escola maternal.

Referiu-se á mortalidade infantil e ao decrescimento da nossa população, citando estatisticas de alguns países, condenando tambem a emigração para o Brasil, quando ella se podia canalisar tambem para as nossas colónias.

O conferente discorreu em seguida, e largamente, sobre a formação mental da criança, que se devia preparar para raciocinar. Por via de regra, disse, a educação da criança é feita muito superficialmente.

Considerando as religiões como ideia, como sentimento e como tradição historica, afirmou que ellas como ideia e como sentimento não devem entrar no cerebro da criança e que o ensino dessas reli-



giões só se deve fazer nas escolas, como facto histórico, devendo estas ser fiscalizadas pelo Estado.

Falou largamente sobre as religiões e que estas só deviam ser ensinadas ás crianças quando elas tivessem uma certa liberdade de espirito.

Depois de tratar da criança sob o ponto de vista da intelligencia, tratou da formação do seu character, assunto que abordou profundamente.

O sr. dr. Brito Camacho que falou durante duas horas, foi por vezes muito aplaudi-

do, terminando a sua brilhante conferencia, com a afirmação de que a hora que passa é grave, porque atravessamos um periodo de insuficiencia mental e, mais grave ainda, moral, e que só com unidade moral se podia conseguir a ambicionada paz de espirito e de intelligencia que todos nós queremos.

As ultimas palavras do illustre conferente foram coroadas com estrepitosas salvas de palmas, repetindo-se os vivos á Republica, etc.

### No Batalhão de Metralhadoras n.º 3

Às 16,30 horas os contingentes militares deram entrada no historico quartel da Torre do Marco—sedé do batalhão n.º 3 de metralhadoras. Estão presentes os comandantes e muitos officiaes de todas as unidades das guarnição militar do Porto, o chefe do Departamento Maritimo do Norte e seus ajudantes, o commandante e officiaes da P. S. P. e ainda o sr. major Raul Tavares, governador civil interino do distrito.

As forças dispuseram-se em formatura, emoldurando o amplo recinto da «parada», no centro da qual, em lugar de honra, se postou o pelotão de metralhadoras n.º 3, sob o comando do sr. tenente Roçadas.

Um clarim repetiu o toque de sentido. O estandarte desta unidade militar foi conduzido até junto do pelotão de honra, enquanto a banda regimantal de infantaria 18 executava o hino nacional.

Seguidamente, o sr. major Pires de Moraes, commandante de metralhadoras n.º 3, pronunciou o seguinte discurso:

—Soldados do meu batalhão! E' com profunda satisfação e desvanecimento que eu, na qualidade de vosso commandante, cumpro o honroso e agradável dever de vos apresentar os mais entusiasticos e cordiaes cumprimentos de boas vindas. E faço-o em meu nome, em nome de todo o pessoal deste batalhão, em nome de todos os vossos camaradas desta guarnição, em nome de todos os srs. officiaes que vieram ou mandaram saudar-vos, em nome de todo o Exercito que

tambem soube cumprir o seu dever, defendendo a ordem e prestigiando a Patria e a Republica.

E continuou:

—Todos os que aqui se encontram vem espontanea e cordialmente saudar nas vossas pessoas a valorosa Marinha de Guerra e o Exercito que na presente conjuntura se mantiveram unidos e souberam proclamar de um modo altisonante que a verdadeira Republica é a nossa, porque os bons portuguezes querem uma Republica de ordem, de progresso, e de patriotismo e não uma Republica sovietica como os inimigos da situação desejam e proclamam. Não queremos a Republica Federal-Iberica que eles andam a ajustar com os espanhoes, sem o menor respeito pela nossa independencia, vendendo-nos vil e covardemente. Não é uma afirmação gratuita que vos estou fazendo. Encontrais uma prova autentica no jornal «Avante», n.º 4, de 1 de Maio findo, e que reza assim: «Que o 1.º de Maio de 1931 seja de luta energica e contra os inimigos do povo, contra a burguezia, contra a ditadura fascista, que nos esmaga. Que ninguem trabalhe, que todos compareçam ás manifestações promovidas pelos partidos comunistas, manifestando-se bem revolucionariamente contra o capital e contra o desemprego. Perante os combates revolucionarios que se avizinhão em toda a Peninsula Iberica, mostremos a nossa vontade firme de lutar e de vencer rapidamente. Que o 1.º de Maio de 1931 seja uma séria ameaça para a burguezia e para o capitalismo. Nas ruas, neste



dia que é bem dos trabalhadores, gritemos aos exploradores, tão alto que todo o mundo nos ouça: Abaixo a ditadura militar, abaixo a Republica burguesa, Viva a revolução mundial comunista, Viva a Russia Sovietica, Viva a proxima união das Republicas Sovieticas Ibericas».

E comentou:

—Como vêdes prégam uma doutrina de odios, de perseguições, de rancores e de desumanidades. E mais do que isto: prégam a destruição das fronteiras e, portanto, o fim da nossa Patria, que, para o futuro, não poderia governar-se independentemente e ficaria sujeita ao condicionalismo alheio.

Assim se internacionalizava, dum só golpe, o bocado de terra que podemos chamar nosso, conseguido á custa do sacrificio de muitas gerações. Em vez de guerra deviam pedir a união e associação entre o capital e o trabalho, dentro da melhor ordem e disciplina.

E afirma:

—Queixam-se de que a Ditadura os esmaga? Mas quando foi que em Portugal se viu maior liberdade do que agora? A quem é defeso trabalhar e lutar pela vida? Como é que eles pretendem impôr as suas doutrinas como liberais e humanitárias, quando são os primeiros a aconselhar a revolução e a guerra? Queixam-se do desemprego? De facto, é um mal lamentavel, mas não é exclusivo de Portugal, pelo contrario, nós temos proporcionalmente menor numero de desempregados do que a maior parte das nações, isso é uma consequencia da Grande Guerra, é o desequilibrio financeiro de todos os ramos de actividade. Os soldados, dizem eles, não têm o direito de fusilar o povo, de onde provém. E certo, mas têm eles o direito de atirarem com bombas para o meio da multidão, matando, barbara e cobardemente, quem muitas vezes passa na intenção mais ordeira e pacifica? Os soldados não querem fusilar o povo, os soldados querem apenas manter a ordem, para que o povo possa viver livre e independente.

E proclamou:

—Soldados: não acrediteis em doutrinas subversivas! O ideal seria que toda a humanidade se auxiliasse mutuamente em perfeita comunhão de bens, mas para isso era preciso que todos os homens fossem superiormente

instruidos, que todos tivessem iguais faculdades de trabalho, iguais noções da economia e iguais necessidades, mas como isso é impossivel, pelo menos no nosso actual estado de civilização, caiem pela base todas as doutrinas que pretendem impor-vos ou, por outra, são irrealizaveis enquanto o homem for egoista.

«A necessidade e o estímulo são os melhores incentivos da produção e do progresso, mas a ordem é indispensavel para o trabalho como o trabalho é indispensavel ao progresso.

E ainda:

—Tendo, portanto, vós lutado pela ordem, contribuístes para o progresso e para o engrandecimento da Patria. E, se a vossa acção militar, por pouco duradoura que foi, não deu lugar a rasgados heroismos, se bem que é sempre heroi a renuncia da vida oferecida á Patria, nem por isso deixasteis de ser como todos os outros que combateram ao vosso lado, os heróis da tragedia, porque se pode ser tão heroi na acção como no pensamento, na ideia.

E concluiu:

—Heróis também são aqueles que, perdendo-vos, cobrem a dor que os fere com o orgulho de terdes servido a Patria, como aquele pai dum sargento, morto ao vosso lado, na Madeira, que bem disse o filho que soubera morrer pela Nossa Terra. A todos estes, pois, a Patria aclama e os saúda.

As ultimas palavras do orador foram coroadas duma prolongada salva de palmas, tendo-se manifestado os assistentes em aclamações á Patria, ao Exercito e á Republica.

O sr. major Pires de Moraes saudou depois, em termos de carinhoso elogio, o sr. tenente Roçadas, envolvendo nessas homenagens o alferes Botelho, ferido num dos combates travados com os revoltosos da Madeira.

Os contingentes militares desfilaram, depois, em continencia á bandeira do Batalhão de Metralhadoras n.º 3, enquanto a banda de infantaria 18 repetia os acordes da «Portuguesa».

Finda esta cerimonia, o sr. tenente Roçadas foi efusivamente abraçado por todos os seus camaradas presentes.

Senhor tenente Campos Rego e meu ex.º amigo — Tem-me chegado aos ouvidos que muita gente acha grandes os soldados do Monumento aos Mortos Conimbricenses da Grande Guerra; todas as opiniões são respeitaveis e discuti-

veis, e justamente por isso, sem querer contrariar as maneiras de ver e de interpretar de quem quer que seja, que aliás me merecem o maior respeito, mas no simples propósito de esclarecer o que se me oferece sobre o assunto, venho



pedir-lhe para, da maneira que entender melhor, levar essas pessoas ao conhecimento da intenção que me norteou, a mim, e ao architecto António Varela, quando estudamos a *maquette* que foi a concurso e que eu respeitei na execução das figuras, tanto quanto foi possível:

*«Num macisso, que em planta desenha a Cruz de Cristo, simbolo de glorias passadas e presentes, levanta-se um padião, a que se encostam quatro soldados equipados e apresentando armas, numa profunda homenagem pelos seus camaradas que deram a vida em troca duma nova gloria para Portugal. A encimar esse padrão no qual se erguem em prece para o Ceu as linhas duma ogiva de granadas que o caracterizarão como monumento militar, estão quatro escudos, um em cada face.*

*Num deles, as cinco chagas, lembram a origem da nossa nacionalidade, em dois outros a Cruz de Guerra e a Cruz de Cristo lembram as vitórias portuguezas na guerra, no mar, na terra e no ar; no último, o brazão das armas de Coimbra mostra o preito de homenagem da cidade pelos que gloriosamente souberam morrer pela Pátria.*

*A legenda de bronze e as corioas, perpetuarão a saudade de todos os portuguezes pelos mortos da Grande Guerra.»*

Esta foi a ideia da forma artistica que pretendemos realizar.

Um monumento é um mundo de superficies planas e curvas que se combinam e resaltam umas das outras, pela lei dos contrastes; se as suas massas e os seus volumes se equilibram, os detalhes quasi não são precisos, a não ser como nota anedotica.

A moderna escultura monumental procura uma criação estereométrica da forma, em ligação absoluta com a architectura, pois que a ella se tem de submeter, para que o

conjuncto tenha unidade; foi dentre destas ideias que procurei tratar os soldados do Monumento; não como recursos de expressão architectural, como massas que fizessem valer o volume total do mesmo Monumento.

A sua rudeza, o seu tratamento largo em grandes planos, o seu tamanho e o seu ar pesado, foram as possibilidades de expressão simbólica que melhor encontrei e que me trouxeram para todas as massas a condição de repouso que, intencionalmente procurava, para a realização duma obra especial extática.

Ao executar esta intenção, que era boa, não tentei copiar soldados do natural, mas apenas criar simbolos, que fizessem lembrar o esforço másculo e viril da nossa raça; o nosso soldado é, em sintese, atarracado e grosso e equipado anormalmente para o frio e para a guerra, a sua figura aumentou de volume; foi neste sentido ainda que pretendi estilizar as suas figuras hirtas, fortes e voluntariosas de vencedores.

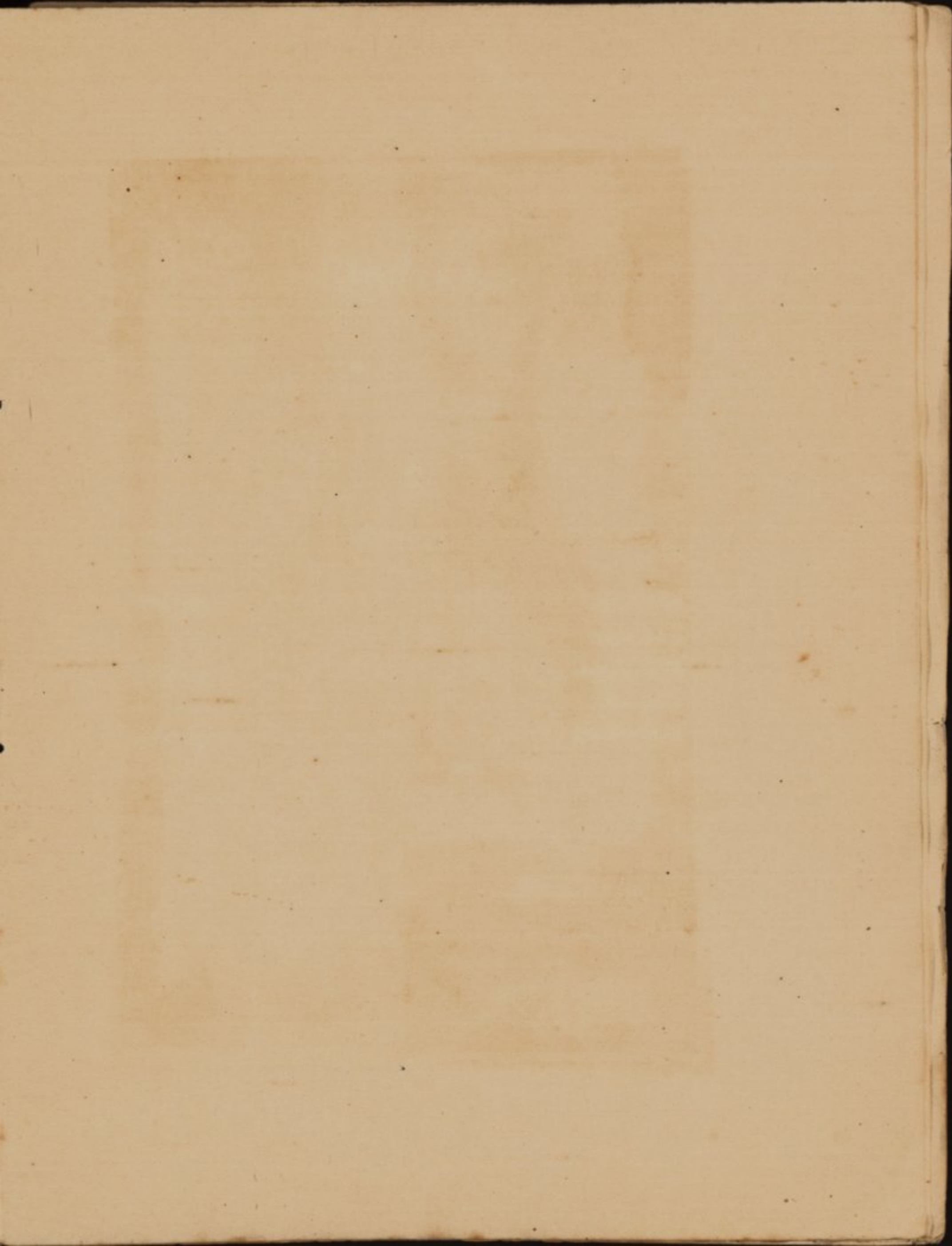
Quanto aos pormenores, se o volume total se equilibra, eles aparecerão com a *patine* do tempo, mostrando as fivelas, as correias, os botões e as armas,

Foram estas as razões porque os soldados saíram como estão. Entretanto, podia ter errado, e se assim aconteceu para alguns, lamentação não ter acertado para todos, tanto mais que puz, no Monumento aos Mortos Conimbricenses da Grande Guerra, o meu maior esforço e a minha melhor boa vontade. E como foi isto o que se me offereceu dizer, em virtude do que ouvi, daqui de longe lhe mando, com um abraço, estes esclarecimentos quo para a minha consciencia julgo necesarios.

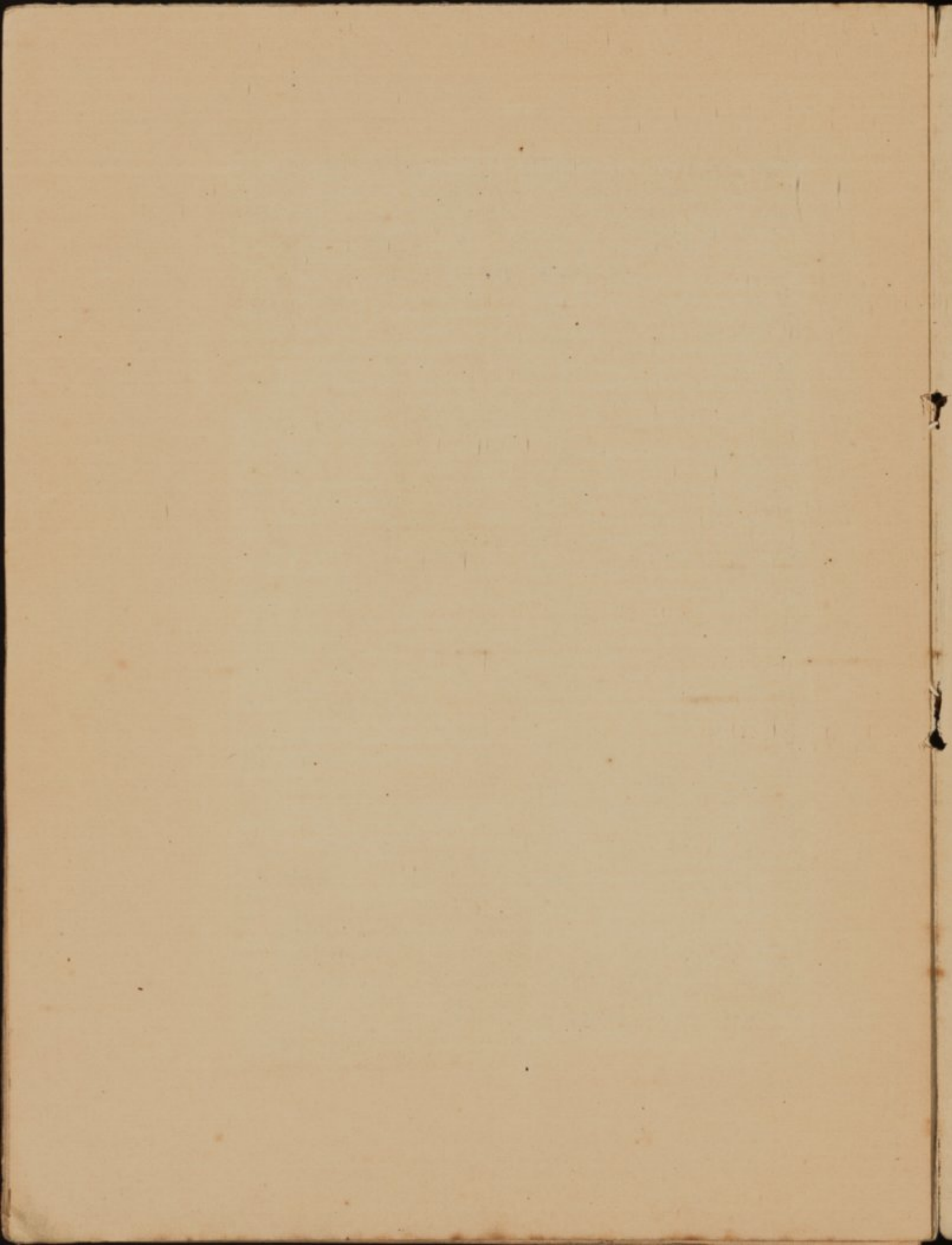
Estiremoz. — Seu, Luis Fernandes, escultor.

— X —











# Indices:

I

Anos:

1928 :	1 - 29
1929 :	30 - 145
1930 :	146 - 184
1931 :	185 - 250
1932 :	251 - 386



IINomes próprios:

Alemações { Dr. Silveiro }, de Vizeu : 202, 206

Aleixo { Marques } : 78.

" { Dr. Franc.º Pêgas de } : 201.

Aleixo { Alexandre de } : 178.

" { Dr. Antonio José de } : 140, 144, 2  
174-176

" { Cesar de }, tenente : 331-333.

" { Dr. Ferrão Bimentel de } : 46-47,  
59, 61, 144-145, 280, 282 e 308

" { Lourenço Chaves de } : 15, 18, 26,  
32, 38, 39, 41, 43, 46, 50, 51, 53, 80, 100  
104, 107-108, 109, 110-115, 116, 117-124,  
126, 137-138, 138, 139-140, 142, 170, 180, 183,  
214, 242-243, 248-250, 251-252, 258, 260-  
261, 263-265 e 373.

" { Dr. Mario de } : 63-68

" { Mendes de }, estu.<sup>te</sup> : 317

Amaral { João }, Lavago : 83, 98

Amarim { Dr. Diogo Pacheco de } : 149 e 154.

Andrada { Ernesto de Campos } : 301.

Andrade { Dr. Abel de } : 126

Antunes { Dr. Ant.º }, bispo aux.<sup>ar</sup> : 29, 46 e 59.



- Aragão {Dr. Gilberto Bessa de}: 1, 3, 16-18,  
19, 22-23, 24-25, 100, 102, 116-117, 126 e  
170-171
- Araujo {Umberto de}: 1, 2, 3 e 220-221.
- Arc {Joana d'}: 378.
- Aurelio {Marco}: 147.
- Azevedo {Dr. Flaminio Teix.<sup>a</sup> de}: 196 e 208.  
" {Julio Schiappa de}, gen.<sup>al</sup>: 369, 381-82
- Bandeira {José da Silva}, cor.<sup>al</sup>: 150-151.
- Barreto {Adeodato}, estud.<sup>va</sup>: 232.  
" {Dr. Fernando Bissaria}: 41, 43, 179,  
215-216, 241-242, 266, 277-278 e 373.
- Barros {Dr. João de}, acc.<sup>o</sup> XX: 88, 89 e 91
- Bastos {Dr. Egas Ferreira Pinto}: 215.  
" {João Pereira}, general; 262 e 287.
- Beca {Gonçalo de Freitas}: 358  
" {Dr. Rodrigo de}: 357.
- Bobone {Octavio}, fotografo: 97-98.
- Bocage {Manuel M.<sup>a</sup> Barbosa du}: 155
- Botelho {José Justino Teixeira}, gen.<sup>al</sup>: 284-287,  
287-288 e 310
- Braga {Dr. Manuel}: 63-74.
- Brasil {Jaime}: 134-135.
- Brito {Dr. Alberto da Rocha}: 30-31, 255-256,  
277, 315 e 329.  
" {João Pereira de}, ten.<sup>te</sup>: 24 e 165.
- Bruno {José Pereira de Saupais}: 236
- Bustos {1.<sup>o</sup> visconde de}, Antonio Duarte Se-  
reneo: 208.



Caleral (Dr. Arnibal do Amaral): professor:

245-246 e 254-255

Calveira (Dr. António): 159-160 e 164.

Camacho (Dr. M.<sup>al</sup> de Brito): 148-154, 154-

155, 156, 233, 234 e 324.

Campos (Eurico de): 1

Cardoso (Ernesto de Sá), gen.<sup>al</sup>: 144.

" (Dr. José): 146

" (José Maria Correia): 31-43, 107,

122, 125, 137 e 139.

Carlos I (D.): 185.

Carrone (Ant.<sup>o</sup> Oscar Traposo): 227-228.

Carriso (Dr. Luis), prof.<sup>o</sup>: 220-221 e 223.

Carvalho (Dr. Alberto Martins de): 321

" (" Azevedo Ferraz de): 6, 7, 8, 53,

104, 181-182.

" (Dr. Azevedo Ferraz de): 298, 314, 321.

" (João Martins de), gen.<sup>al</sup>: 244, 279 e 285.

" (Dr. Joaquim de): 46-47, 51, 55, 77,

106-107, 143, 160-161, 161-162, 162-163, 163,

178, 215, 231-232, 256, 293, 312-313, 318,

330 e 338.

" (Dr. Joaquim Martins Feix.<sup>o</sup> de): 37,

57, 76, 84, 85, 86, 87, 87-95 e 183.

" (Dr. Lopo de), medico: 215-216.

" (D. Maria Amalia Vaz de): 300-301.

" (Dr. Monteiro de): juiz: 100-102.

" (Dr. Tomás de): 300

Carimiro (José) Vourneiro: 185-186 e 198.



- Castelo-Branco { José de Azevedo }, capitão de Infant.<sup>o</sup> : 81, 204-205 e 213
- Castro { Dr. Augusto Mendes Simões de } : 288-289, 292-293 e 374.
- " { Eupreio de } : 172
- " { Sergio de }, major de Inf.<sup>o</sup> : 10, 33, 19-22, 28-29, 54, 55, 58 e 109.
- Cerejeira { Dr. Manuel Gonçalves } : 282-283
- César { Dr. José Julio }, Vizeu : 86
- " { Victoriano José }, gen.<sup>al</sup> : 159-160, 164, 252-253 e 268.
- Chaves { Dr. Alfredo de Matos } : 16-17 e 30-31.
- Cidade { Dr. Hernani } : 333-337.
- Cordeiro { Ant.<sup>o</sup> Norberto de Matos }, ten.<sup>te</sup> : 370-72
- Carreira { Ant.<sup>o</sup> Maria }, eucad.<sup>o</sup> : 32, 35 e 38.
- " { Dr. Maximino } : 88, 89, 93-95.
- " { Dr. Virpilio } : 53, 64-66, 74, 76, 78, 88, 89, 91, 98, 106, 108, 108-109, 147-148, 157-159, 182, 188, 228, 242-243, 248, 249, 250, 251-252, 258, 260-261, 262-265, 270, 273, 293, 295, 302 e 317.
- Costa { Dr. Afonso } : 222-223.
- " { Ant.<sup>o</sup> Marques da } of.<sup>al</sup> de Artilh.<sup>o</sup> : 56
- " { Dr. João da Providencia e } : 246
- " { Dr. José M.<sup>o</sup> da } ~~juiz~~ juiz-auditor : 186, 188, 193, 202, 205 e 208-209
- " J.<sup>o</sup> { José Ribeiro da }, major : 287.
- " { Ramos da } almirante : 285-287.
- Cousinho { Vitor Hugo de Azevedo } : 310-312.



- Couto (Dr. João) : 34, 57-62, 75, 91, 105 e 106
- Cruz {Ant.º Azeosa Carneia da} cap.º : 206  
 " {Miguel Baptista da S.ª} gen.º : 165.  
 " {Pedro de Azevedo}, major : 23.
- Cunha {Barros e}, cap.º de Caval.º : 68 e 99,  
 " {Brito e}, professor de desenho : 221  
 " {Santos e}, major : 367.
- Dias {Pereira}, professor da Esc.º Brotero : 37.
- Duarte {Afonso}, Poeta : 75.
- Estêves {Paul} oficial de Engenharia : 327.
- Estrela {Padre}, de S.º Ant.º dos Olivais : 221.
- Falcão (Dr. Clemente) : 175-176 e 237-238.  
 " {Dr. José} : 157.
- Fernandes {Luís}, escultor : 65-74, 99, 102, 103-  
 104, 105 e 283.
- Ferreira {Alice Pim.ª da Costa} : 303,  
 " {Henrique Pim.ª da Costa} : 303.  
 " {Dr. José Eusebio Dias} : 144.
- Figueiredo {Ant.º de Mesquita} : 75.  
 " {Dr. José de} : 106 e 270  
 " {Dr. Mario de} : 21, 58-59 e 61.
- Fischer {José Guimarães}, capitão : 190 e 204.  
 " {Jacinto dos Reis}, cor.º : 62-63, 64-  
 71 e 99.
- Fonseca {Dr. Angelo da} : 123-124.  
 " {Dr. Luis M.º Lopes da}, ministro : 190  
 " {Manuel Vilaca da} : 315.  
 " {Tomás da} : 1, 6, 7, 10, 11, 24-25, 26,  
 37, 38, 50-51, 53, 56, 60, 61, 74, 77, 85, 114,



138, 143 bis, 144, 157-159, 183, 232, 242,  
250, 251-252, 255, 256, 258, 260-261, 263,  
291, 299, 304, 305, 315, 350, 352, 376-377,  
377 e 378.

Forjaz (D. Miguel Pereira): 280-281.

Franca (Paulo de): 344-345.

" (Salvador Pinto de): 344-345.

Franco (João): 120.

Gaio (Dr. Manuel da Silva): 64-66, 172, 312,  
313, 315, 316-317 e 321.

Gião (Dr. Manuel): 287.

Gomes (Francisco), car.<sup>al</sup>: 127 e neg.<sup>tes</sup> e 311.

Gouveias (Antonio), estud.<sup>te</sup>: 317.

" (Antonio Augusto): 1, 3, 12, 18,  
26, 27, 28-29, 34-43, 50, 51, 53, 54, 61,  
64, 76, 77, 88, 96, 104, 105, 108, 110-115,  
118-124, 142, 148, 173, 181, 183, 262-265,  
294-295 e 372-375.

" (Dr. Arnaldo Leal): 314

" (Fausto): pintor: 107-108, 109 e 221.

Goulven (J.), prof.<sup>ca</sup> francês: 309-310 e 321.

Graca (Frederico): 272.

Guimarães (Alfredo): 75.

Henriques (Flora): 270-271.

" (Dr. Julio Augusto): 82 e 148.

Herculano (Alexandre): 238-241 e 247.

Iglesias (Julio Cesar Gil), car.<sup>al</sup>: 350, 361-62,  
371 e 384-385.

Julio (Padre), de S.<sup>ta</sup> Cruz: 25-27, 46-50, 56 e 58.



- Karrodi { Ernesto } : 75.
- Lacerda { Barão de } : 75, 88, 89 e 92-93.
- Lara { Dr. Domingos } : 174-175 e 215-216.
- Lebron { Gustave } : 234-235.
- Leivos { Alvaro Viana de } : 53, 149, 179, 232,  
253, 254 e 257.
- Lefriere { Charles } : 373.
- Limra { Archer de } : 75.
- " { Henrique Campos Ferreira } : 130,  
132, 135 e 285.
- " { Genvario } : 339-341.
- " { Dr. Silvio } : 161, 163 e 315.
- Lopes { Dr. Fernando }, advogado : 271-273.
- Laureiro { João Jorge } : 301.
- " { Dr. José Pinto } : 292-293, 296-297,  
298-299, 299, 312, 314-315, 321-322.
- " { Raul Silvano }, major : 301, 305, 318,  
322-323, 339 e 344.
- Macedo { P.<sup>o</sup> José Agostinho de } : 342.
- Machado { João }, Pai : 37 e 39.
- Madail { Ant.<sup>o</sup> Gomes da Rocha } : 280-283, 292-  
293, 300-301 e 307-309.
- Madeira { Dr. José Ant.<sup>o</sup> } : 7.
- Manuel { D. }, II : 325-327.
- Matos { Dr. Alvaro de } : 179.
- " { Jacinto de }, jardineiro : 66-74.
- Melo { Antonio Florneu de }, Toy : 224
- " [ " José de ], oficial do E.M. : 287.
- " { Arapão e }, oficial de marinha : 234.



- Meudes (Carreira), car.<sup>al</sup> do E.M. : 285.
- Miranda (Ant.<sup>o</sup> Fernandes de), car.<sup>al</sup> : 24
- " (Domingos de) : 24, 46 e 108.
- " (Dr. Paul de) : 3, 46, 108, 109 e 235.
- Monteiro (Adolfo Casais) : 293-94.
- " (Alberto dos Santos Pereira) : 196, 318, 322-323 e 339.
- " (Henrique Dires) : 173, 243, 244, 254, 267, 276, 284-287, 287-288, 297, 302 e 306.
- " (Dr. Manuel), Braga : 75.
- " (Manuel), prof.<sup>or</sup> : 256.
- Monzó (Navarro y) : 380
- Morais (Agostinho Pires de) : ruajar : 227.
- " (Paulo de), editor : 240
- Morreira (Dr. Domingos), govern.<sup>or</sup> civil : 328
- " (Francisco de Almeida) : 44, 76, 85, 111-112, 119-124, 126 e 214.
- " (Dr. Guilherme) : 328.
- " (Santos), 1.<sup>o</sup> ten.<sup>te</sup> aviador : 225-226
- Mota (Adelino), ten.<sup>te</sup> aviador : 224-225.
- " (Ant.<sup>o</sup> da Costa), Solrinho : 64-66.
- " (Dr. Carlos da Costa) : 149-150
- " (Luis José da) : ruajar : 69, 162 e 348.
- Nascimento (Adriano do) : 138.
- Nemésio (Vilárino) : 127-136, 238-241, 247, 256, 277, 314 e 340.
- Neves (João da S.<sup>a</sup> Campos), conego : 26 e 108.
- Olimpio (Araújo da Paz), ten.<sup>te</sup> : 163.
- Oliveira (Dr. Alberto de) : 139, 168-170 e 171-172.



- Oliveira [Antonio Correia de] : 167-168, 168-170 e 171-172.
- " [Dr. Augusto da Cunha] : 77.
- " [Eduardo da Cunha] : 20
- " [Dr. João Duarte de], reitor : 372-373.
- " [Dr. José Rodrigues de] : 85.
- Pacheco [Duarte], superh.<sup>o</sup> : 4-8.
- Paes [Sidonio] : 185.
- Paixão [Fernando], cos.<sup>o</sup> farmac.<sup>o</sup> : 345-46.
- Passos [M.<sup>o</sup> de Silva] : 62.
- Pedro [Manuel], guarda do Museu : 36
- Pereira [Alberto Dias] : 4, 7, 30, 34, 31, 344, 245-246, 253, 254-255, 296-297, 315, 316, 324, 329-330.
- " [Dr. Manuel Serras], prof.<sup>o</sup> : 196-197.
- Pessanha [Carrilo], poeta : 83 e 84.
- Pessoa [Dr. Alberto Cupertino] : prof.<sup>o</sup> : 74, 146-147, 183, 248, 259 e 273
- Pinto [Afonso Fleury<sup>o</sup> Barbeitos], cer.<sup>o</sup> : 348-349.
- " [Dr. Alberto de Moura] : 151 e 153.
- " [Albino Caet.<sup>o</sup> de Silva] : 82, 89, 38 e 148.
- " [Ant.<sup>o</sup> de Carvalho da S.<sup>a</sup>], architecto : 34, 53, 64-74, 81 e 82
- " [Artur Pereira], da Policia Judic.<sup>a</sup> : 14 e 15.
- Pio [Mario] : 40
- Pires [Dr. José Cupertino de Oliv.<sup>a</sup>] juiz : 44, 100, 105, 107, 110-115, 116-117, 119-124, 170-171.
- Queiroz [E.<sup>a</sup> de] : 378.
- Quintanilha [Dr. Aurelio] : 256-257.



- Ramos { Mario Nogueira } : 351.  
Raposo { Jorge Augusto } : 124-125.  
Rasteiro { Afonso }, fotografo : 32  
Regala { José Celestino }, ten. car.º : 224.  
Rego { Ant.º José de Campos }, ten.º : 19.  
Reivas { Dr. Joaq.º de Moura } : 337.  
Ribeiro { Aquilino } : 342.  
 " { Dr. Fernando de Olive.º } : 43  
 " { Helder } : 305.  
 " { Dr. Luis da S.ª } : 135.  
 " { Dr. Manuel }, magistrado : 43-45.  
 " { Tomás }, poeta : 300  
Rodrigues { Dr. Ant.º Luis da Costa } : 20, 54, 55,  
 154-155.  
Sá { Dr. Octaviano de } : 40  
Sacadura { Dr. Carlos } : 124.  
 " Botte { Pedro Mascarenhas } : 125.  
Saint-Pierre { Bernardino de } : 342.  
Salazar { Ant.º de Olive.º } : 290-291, 326, 328,  
 369-370, 378-380  
Santana { Vasco }, actor : 208.  
Santos { Artur José dos }, car.º : 323 e 343.  
 " { Cesar da Cunha } : 125.  
 " { Dr. Carlos }, medico : 179.  
 " { Costa }, ten. e.º de artilh.º : 366.  
Saraiva { Dr. José } : 75.  
Sarmiento { José Estevão do Marais }, gen.º : 159.  
Sereu { Ant.º Duarte } : vide Bustos  
Serra { Dr. Adriano Vaz } : 161 e 163.



- Silva {Albino Caet.º da}: vide Pinto.  
 " {Dr. Brito e}, Conservador do Reg.º da Uni-  
 versid.º: 282-283 e 308-309.  
 " {João<sup>me</sup> Bauçara de Carvalho e}: arqui-  
 tecto: 51, 53, 64-66, 76, 77, 83 e 104
- Simões, {João Gaspar}: 50, 53, 249-250, 251-252,  
 258 e 262-265.
- Soares {Adelino}, alferes: 23, 109-110 e 155.  
 " {Ant.º Maria de Freitas}, cor.º: 287.
- Solinal {Dr. José Colaco Alves}: 115-116.
- Socorro de Gouveia {Cor.º de Eupenh.º}: 95.
- Sousa {Abilio A. Valdez de Passos e}: 305.  
 " {Alberto Sousa}, aguarelista: 236.  
 " {Alfredo Botelho de}: cap.º-tenente:  
 243 e 244  
 " {Dr. Ant.º de Sousa}: Poeta: 38  
 " {Ant.º Gomes de}, tripul.º: 140-142, 178,  
 287, 318, 343, 364-366.  
 " {Daniel de}, general: 320, 345-346, 366-  
 368 e 369-370  
 " {Fernando de}, jornalista: 237-238.
- Tamagnini {Dr. Eusebio}: 215.
- Teixeira {Abel}, cap.º de Inf.º: 194-195.
- Tarres {Joaquim}, cor.º: 223.
- Urbano {Abel Dias}, cor.º de Eup.º: 51, 53, 58,  
 60, 68-71, 99 e 104.
- Varela {Antonio}, arquitecto: 65-74, 99, 102, 103-  
 104 e 105
- Vasconcelos {Dr. Ant.º de}: 13-14 e 306-309.



- Vasconcelos (Joaquim de) : 75.  
Vaz (Julio), escultor : 66.  
Veiga (Alberto Botelho da Costa) : 160 e 164.  
Viana (Antonio), guarda do Museu : 1, 2, 3  
 16, 24, 30-31, 31-43, 44, 86, 100, 105, 107, 110-  
 115, 116, 118-124, 125, 126, 137, 137-138, 139,  
 139-140, 174 e 214.  
 " (Eurico Sales) : 75.  
Viêgas (Dr. Santos), prof.<sup>an</sup> U. universid. : 95  
Vilhena (Ernesto), oficial da Armada : 258.  
 " (Dr. João Jardim de) : 300  
Vital (Dr. Fexas) : 220.  
Zarnith (João de Moraes) : general : 140-142,  
 162 e 165.  
Zamora (Alcalá) : 229.

### III

## Varia

- Academia das Belas-Artes : 269-270  
Ação (A) da Praia da Vitória : 321 e 339-340  
Alma Nova, jornal da Lusitânia : 163 e 166  
Aniversários (Os meus) : 356-357.  
Arquivo Coimbra : 292  
Arquivos de Dermatologia e Sifilografia : 277  
Arte e Arqueologia, revista do Curso de Arte e  
 Arqueologia de Coimbra : 61, 74-78, 83



101, 108-109, 147-148, 188, 273, 282, 293  
e 302.

- Azeiro (Museu regional de): 86.
- Batalha seu fim, de Aguilino Rib.<sup>no</sup>: 342
- Batalhões académicos de Coimbra: 235-237
- Bucaco (Batalha do), comemorações: 178.
- Bucolismo [O], de M.<sup>al</sup> Gaió: 316-317.
- Caldelas: 176-177, 229-230 e 353.
- Campesinha [A] de Massem em Portugal, na  
"Revista Militar": 259-260
- Carreira de Tiro em Coimbra (A m.<sup>a</sup> destituição  
de directora): 23.
- Carrihanar de Nova-York: 335-337.
- Castelo-Branco (Museu regional de): 86.
- Centro Republicano Académico de Coimbra:  
160-161 e 162-163.
- " Republicano de Estados Democráticos:  
vide Grupo
- Cerco do Porto (Centenario do): 256 e 257.
- Coimbra: Arquivos do Museu de Machado de  
Castro: 302
- " : Arquivo da Universidade: 280-283
- " : Associação dos Artistas: 156.
- " : Centro Académico Democracia  
Cristã (C.A.D.C.): 167-168, 172 e 317.
- " : Colégio de S. Tomás: 78, 79, 80-81, 82
- " : Comissão do culto da freg.<sup>a</sup> de Sau  
va Cruz: 19-22, 25-27 e 28-29.
- " : Curso de férias: 333-337.



- Coimbra : Escola Industrial Brotero : 45
- " : Excursão acadêm. à Itália : 317.
- " : Gafaria : 255-256 e 277.
- " : Igreja de S. Bento : 4-14, 76-77, 84, 85, 245-246, 253, 254-255, 256 e 257.
- " : Jardim da Moura : 45.
- " : Monumento aos mortos da G. Guerra : 62-74, 76, 99, 102, 103-104, 105, 283 e 318.
- " : Museu da Junta de freg. de Santa Cruz : 19-22, 25-27, 28-29, 46-50, 58, 86 e 86-87.
- " : " de Machado de Castro : 31, 80, 83, 96-97, 97, 104, 106-107, 107-108, 108, 109, 114, 118-124, 242, 248-250, 251-252, 258, 260-261 e 262-265.
- " : Revolta de estudantes em 1931 : 220-221 e 223.
- " : Sanatório de Celas : 309.
- " : Sport-Club Cominicense : 161-162 e 163.
- " : Torre de Antão : 168-170 e 380.
- " : Universid. Livre : vide Universid.
- Começo do ano de 1932 : 251.
- Comissão de Hist. Militar : 159-160, 164, 252-53 e 268.
- Companhias de Jesus : 370.



- Congresso (5.º) Beirões, 1933 : 350-352.
- Coimbrã : 157.
- Conselho de Arte e Arqueologia : 3, 6, 7, 8-10, 14, 19-22, 25-27, 28-29, 45, 46-56, 57-62, 62, 74, 98, 105, 108, 114, 142-143, 143, 146-147, 157-159, 180-182, 182, 183-184, 243, 248, 261, 262-265, 269-270, 273-274 e 302.
- " Nacional das Belas-Artes : 267-270
- " Superior Judiciário : 117 e reg.<sup>tes</sup>, 170-171 e 214.
- Conspirações contra a situação criada do 28 de Maio : 331-333.
- Constituição de 1833 : 313-314.
- Carvão dos Açores : 135.
- Desengano {0} : 342.
- Despertar {0} : 67, 68-69 e 166.
- Diário de Manhã, de Lx.<sup>a</sup> : 246-247.
- " de Coimbra : 215, 232-234, 236, 329 e 337.
- " " Lisboa : 134.
- " " Notícias, de Lx.<sup>a</sup> : 134, 135, 178 e 340
- Ditaduras militares : 229.
- Escola de Cerâmica Ant.<sup>o</sup> Sup.<sup>o</sup> Gonçalves, em Lx.<sup>a</sup> : 173
- " Industrial de Fonseca Benevides, em Lx.<sup>a</sup> : 173.
- Exposição bibliográfica comemorativa da Cessão da Vila da Praia : 135.
- Fátima {Senhora de} : 179 e 245.
- Figueira da Foz : 341-346.



Gazeta de Coimbra : 12, 45, 52, 67, 69, 154, 162,  
237, 253, 254, 257, 263, 283, 299, 321, 324, 329.

Grupo Republic.º de Estudos Democráticos :  
296-297, 298-299, 312-313, 314-315, 321, 323-  
325, 329-330 e 337.

Historia Militar : 324-325.

Ilustração (A) : de Lisboa : 136.

Infantaria n.º 6 : 343, 361-364, 366-368, 381-382.

Instituto (O), revista : 293

" " : secção de Arqueologia : 9 e 14.

" " de Altos Estudos Marroquinos :

309-310.

Integralismo : 190 e 265.

Lamego : museu regional : 83 e 84.

Legionários da Bahia : 190

Liga de 28 de Maio : 265-266

Louvã em O. E. : 267-268.

Madeira (Revolta na) em 1931 : 218-219, 219,  
223, 224-226 e 227.

Massena (Retirada de) em 1811 : 183-184.

Memorial da Vila da Praia da Vitória : 127-136.

Militarismo : 229.

Miranda do Corvo : 124-125, 229 e 274-275.

Nunalvaros, chefe militar : 295-296, 303, 303-  
304, 306, 377 e 378.

Paulo e Virgínia : 342.

Paz (Quinta da) : 231.

Penasfil : 343-344, 346-350, 352-372, 378-85.

Polícia de "informação" : 234-35.



- Povo (O), jornal de Lx.<sup>a</sup> : 108  
 " " de Penafiel, jornal : 382  
 " " " Santa Clara, idem : 40  
Presença : revista : 172.  
Primeiro (O) de Janeiro : 52 e 165.  
Promoção (A minha) a ten.<sup>te</sup> - coronel : 165, 165-  
 166 e 166-167.  
Psychologie des fautes, de Le Bon : 234-235.  
Questão (A) Romana, de B. Cauacho : 234.  
Reforma dos serviços das Belas-Artes : 268-269  
Republica, jornal de Lx.<sup>a</sup> : 228  
Republica em Espanha : 220, 222-223, 228 e 229.  
Reuniões do curso de Inf.<sup>a</sup> : 305, 318 e 319-320  
Revista Militar : 183-184, 243, 244, 253, 253-254,  
 259-260, 266-267, 270, 276, 278, 279, 283, 284-  
 287, 288, 302, 310-312 e 321.  
Seculo (O), de Lx.<sup>a</sup> : 51 e 134.  
Situação política caída de 28 de Maio : 156, 156-  
 157, 163, 210-211, 227-228, 228, 230, 234-235,  
 241-242, 246-247, 268-269, 313-314, 319-320,  
 321-322, 331-333 e 378-380.  
Sociedade dos amigos do Museu de Machado de  
Castro : 273.  
Tenente-Cor.<sup>te</sup> (A m.<sup>a</sup> promoção a) : ver Promoção  
Tolerancia, de Arapão e Melo : 234  
Tremores de Terra, de Raul Miranda : 235.  
Tribunal Militar de Vizeu : 185, 186, 218, 218-219,  
 223-224.  
Trinta e um de Janeiro<sup>no</sup>, comemoração : 156-157.



Universid. Livre de Coimbra: 148-154, 155,  
179, 232-234, 235-237, 255, 256-257, 257,  
295-296, 299, 303-304, 315, 350-352

Vale do Vouga (Linha do): 218

Valença do Minho: 353

Vila da Praia (Acção da) em 1829: 127-136

Vizem: 185 e seq.<sup>tes</sup>

" : Hotel Portupal: 185-186.

Voz (V), jornal de Lx.<sup>o</sup>: 237-238.

